



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS:
LÍNGUA PORTUGUESA E LÍNGUA FRANCESA**

EMILY THAÍS BARBOSA NEVES

**REFLEXÕES SOBRE A POÉTICA
DE ESCRITORAS FRANCÓFONAS AFRICANAS**

CAMPINA GRANDE - PB

2017

EMILY THAÍS BARBOSA NEVES

**REFLEXÕES SOBRE A POÉTICA
DE ESCRITORAS FRANCÓFONAS AFRICANAS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Língua Francesa do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Língua Francesa.

Orientadora: Professora Dr^a. Maria Angélica de Oliveira.

CAMPINA GRANDE - PB

2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

N514r Neves, Emily Thais Barbosa.
 Reflexões sobre a poética de escritoras francófonas africanas / Emily Thais
 Barbosa Neves. – Campina Grande, 2017.
 76 f.

 Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e
 Francesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades,
 2017.

 "Orientação: Profa. Dra. Josilene Pinheiro-Mariz".

 Referências.

 1. Poetisa. 2. Francofonia. 3. Silenciamento. 4. Mulher - África. I. Pinheiro-
 Mariz, Josilene. II. Título.

CDU 82-1(6=133.1)(043)

Emily Thais Barbosa Neves

REFLEXÕES SOBRE A POÉTICA DE ESCRITORAS FRANCÓFONAS
AFRICANAS

Monografia de conclusão de curso
apresentada ao curso de Letras – Língua
Portuguesa e Francesa da Universidade
Federal de Campina Grande, como requisito
parcial à conclusão do curso.

Aprovada em 01 de setembro de 2017

Banca Examinadora:



Prof^ª. Dr^ª. Josilene Pinheiro-Mariz (Orientadora UFCG)



Prof^ª. Dr^ª. Maria Angélica de Oliveira (Examinadora-UFCG)



Prof. Ms. Nyberth Emanuel Pereira dos Santos (Examinador – UFCG)

CAMPINA GRANDE - PB
2017

Dedico este trabalho aos meus pais e irmão, por sempre me compreenderem e acreditarem na minha capacidade de crescimento. Aos meus avôs que foram e sempre serão meu maior exemplo de fé e amor. Ao meu noivo, por estimar sempre meu crescimento e ser um dos laços mais bonitos que o Senhor me permitiu atar nessa vida. E a Deus pelas infinitas graças em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao meu maior mestre: Deus, pois tudo o que tenho e sou é obra de suas infinitas graças.

Em especial, agradeço à minha família, pelo apoio e compreensão nos momentos de minha ausência dedicados ao estudo superior.

Aos meus amigos de caminhada e com certeza futuros excelentes profissionais, Mariana Lira, Tatiana Issa e Fabricio Sousa que compartilharam comigo sorrisos e lágrimas durante todo o período da graduação.

À Beatriz Medeiros, Jéssica Pereira, Jéssica Florêncio e Deborah Miranda que contribuíram no meu crescimento pessoal e acadêmico.

A todos os professores que passaram pelo meu caminho desde a Educação Básica até o Ensino Superior.

Aos funcionários da Unidade Acadêmica de Letras, pelos sorrisos e pelas conversas trocadas. Vocês são exemplos de bondade e profissionalismo.

As professoras que fizeram parte da banca examinadora, por aceitarem tão prontamente o convite. É uma honra para mim receber a contribuição de Maria Angélica e Nyeberth Emanuel, nesta pesquisa.

Pelo valor acadêmico e pessoal em minha vida, agradeço à minha orientadora Josilene Pinheiro-Mariz, por todas as contribuições e orientações em todo o meu processo de formação profissional.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que de algum modo, nos momentos serenos ou apreensivos, fizeram ou fazem parte da minha vida, obrigada por contribuírem para que eu me tornasse quem sou. Agradeço muito a Deus pela vida de vocês!

RESUMO

Pouco se discute sobre a produção poética de escritoras francófonas africanas. Em uma perspectiva de fazer conhecer o que parece estar ainda retido pelo véu do desconhecido, nesta pesquisa, apresentamos reflexões sobre a poética francófona da África, escrita por mulheres, como um caminho para que possam ser conhecidas no nosso ambiente acadêmico, de modo que, se amplie o conhecimento nesse domínio da literatura. Desse modo, buscando respostas para as nossas indagações, apresentamos três objetivos específicos que estão relacionados à questão norteadora que nos inquieta em saber qual o lugar a poética francófona feminina ocupa no continente Africano. Dentre os objetivos, configura-se como geral: investigar e refletir sobre a voz da mulher na poética francófona, a partir da perspectiva de uma poetisa do continente africano e como específicos: a) discutir a importância da poesia francófona na valorização das poetisas africanas; b) identificar os países da África nos quais há produção de uma expressiva poética feminina e apresentar as poetisas contemporâneas da francofonia existentes nesse continente, por fim c) analisar o lugar da mulher-poetisa a partir da obra de Marie-Léontine Tsibinda Bilombo. Para entendermos o lugar que a mulher escritora tem na poética francófona, fundamentamo-nos nos estudos de Caixeta e Barbato (2004) que nos diz respeito à invisibilidade da mulher na literatura, Doucey (2010) nos estudos de resistência e resgate do lugar da mulher, Pinheiro-Mariz e Blondeau (2012), nos trazem reflexões sobre a escrita feminina francófona e Touraine (2007) e Huannou (1999) que nos oferecem discussões sobre a paridade da produção literária feminina, dentre outros estudiosos que trazem reflexões que sustentam a nossa investigação. Quanto à metodologia de análise desta pesquisa, ela se insere no paradigma de pesquisas qualitativa, documental e bibliográfica, considerando-se o foco quanto à natureza do fenômeno investigado. A partir desse estudo, percebemos avanços neste meio, porém, mesmo realizando grandes conquistas, observa-se que ainda há um longo caminho a ser percorrido. Destarte, no universo da literatura, o papel que a mulher ocupa ainda reflete um espaço de resistência, uma vez que é na literatura que elas buscam firmar e expor sua identidade, buscando divulgar a mudança nos comportamentos da sociedade em que vivem.

Palavras-chave: Poetisa. Francofonia. Silenciamento. Mulher. África.

RÉSUMÉ

Il est remarquable la quantité de discussions à propos de la production poétique des écrivaines africaines francophones. Dans une perspective de faire connaître ce qui semble toujours être retenu par le voile de l'inconnu, dans cette recherche, nous présentons des réflexions sur la poétique francophone de l'Afrique, écrite par des femmes, comme un chemin par lequel elles deviennent connues dans l'espace académique, de manière que les connaissances de ce domaine de la littérature soient un peu plus élargies. De cette façon, pour trouver des réponses à nos questions, nous présentons trois objectifs spécifiques liés à la question centrale, qui nous réveillent le désir de savoir quel est le lieu occupé par la poétique francophone des femmes dans le continent africain. Nous avons comme objectif général: investiguer et réfléchir sur la voix de la femme dans la poétique francophone, à travers la perspective d'une poétesse du continent africain. Les objectifs spécifiques sont: a) raisonner sur l'importance de la poésie francophone en vue d'un accroissement des poétesse africaines; b) identifier les pays de l'Afrique dans lesquels il y a la production d'une expressive poétique féminine et présenter les poétesse contemporaines de la francophonie existantes dans ce continent et, finalement c) analyser la place de la femme-poétesse à partir de l'œuvre de Marie-Léontine Tsibinda Bilombo. Pour comprendre la place de la femme écrivaine dans la poésie francophone, nous nous sommes basées sur les études de Caixeta et Barbato (2004) concernant l'invisibilité de la femme dans la littérature; Doucey (2010) dans les études de résistance et de récupération de la place de la femme. Pinheiro-Mariz et Blondeau (2012) nous apportent des réflexions sur l'écriture féminine francophone; et, Touraine (2007) et Huannou (1999) qui nous offrent des discussions sur la parité de la production littéraire féminine, entre autres chercheurs qui apportent des remarques qui soutiennent notre travail. La méthodologie d'analyse de cette recherche est inscrite dans le modèle des recherches qualitatives, documentaires et bibliographiques, considérant la nature du phénomène étudié. À travers cette étude, nous percevons des progrès dans ce cadre, mais, même après de grandes conquêtes, il y a encore un long chemin à parcourir. Dans l'univers de la littérature, le rôle que les femmes jouent reflète encore un espace de résistance, car c'est dans la littérature qu'elles cherchent s'affirmer et exposer leurs identités, en cherchant à faire connaître ce changement dans les comportements de la société où elles vivent.

Mots-clés: Poétesse. Francophonie. Silence. Femme. Afrique.

ABSTRACT

Little is discussed about the poetry of francophone African writers. Aiming to make known what seems to be still detained by the veil of the unknown, we present in this research, reflections on French written African poetry by women, as a way to make them known in our academic environment and contribute to knowledge in this field of literature. For this light, seeking answers to our questions, we present three specific objectives that are related to the guiding question that worries us to know what place the francophone female poetic occupies on the African continent. The general objective is to investigate and reflect on the voice of women in francophone poetry, from the perspective of a poet from Africa. As specific objectives, we have: a) discuss the importance of francophone poetry to highlight African poets; b) identify the countries in Africa where there is production of an expressive poetry and presenting female contemporary poets existing on this continent, and finally c) analyze the place occupied by women in poetry from the perspective and work of Marie-Léontine Tsibinda Bilombo. To understand the place that women writers have in French poetic, we have written based on studies of Caixeta and Barbato (2004) which tell us about the invisibility of women in literature, Doucey (2010) in studies about resistance and rescue of a woman's place, Patel-Mariz and Blondeau (2012), bring us thoughts on female francophone writing and Touraine (2007) and Huannou (1999) that offer discussions on the parity of the female literary production, among other authors who bring reflections that fit our investigation. The analysis method of this research was a qualitative approach, with bibliographical and documentary research, and with the focus on regarding the nature of the investigated phenomenon. From the results of this study, we realize advances; however, even realizing great achievements, it is observed that there is still a long way to go. The role that women occupy in society still reflects a subject of resistance. It is in literature that women seek to firm up and expose their identity, seeking to publicize the changes in behaviors of the society in which they live.

Keywords: Poet. Francophonie. Silencing. Woman. Africa.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
Capítulo 1: A LITERATURA E A PRODUÇÃO FEMININA NA FRANCOFONIA	16
1.1 A arte da palavra como lugar de resistência e de resgate da memória	17
1.2 A língua francesa como caminho para novas descobertas	19
1.3 Em busca do des-silenciamento da poética de escritoras francófonas.....	21
Capítulo 2: A POÉTICA FRANCÓFONA FEMININA NO CONTINENTE AFRICANO	30
2.1 Ser poetisa no continente africano	31
2.2 Da palavra sem voz à voz que sai no papel	33
2.3 A figura feminina em evidência e a valorização da mulher africana	35
Capítulo 3: VISLUMBRES DA POETISA AFRICANA FRANCÓFONA.....	46
3.1 Traços de dor, submissão e desigualdade.....	47
3.2 A poética francófona feminina: um reflexo na voz de Marie-Léontine Tsibinda Bilombo.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
APÊNDICE.....	60
REFERÊNCIAS	73

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A noção de francofonia alcança todas as pessoas que têm em comum a língua francesa, seja como língua materna ou administrativa. Fundada em 1970, a Organização Internacional da Francofonia (OIF, 2017) nos mostra que a língua francesa não é utilizada apenas no Hexágono¹. Esta organização agrupa cerca de 84 Estados e governos (dos quais, 26 observadores), repartidos pelos cinco continentes. Diante disso, no continente africano encontra-se o maior número de países francófonos (OIF, 2017), estimados em cerca de 55% de falantes, distribuídos em 31 países francófonos africanos, compondo em média 42% dos falantes francófonos que utilizam a língua francesa como língua oficial ou veicular.

Um dos fatores essenciais desse crescimento da francofonia na África, está relacionado às reflexões acerca da presença da mulher na produção literária desta língua. Foram necessárias diversas lutas para que as mulheres conseguissem quebrar barreiras impostas pela sociedade ao longo do tempo.

Assim, observamos que em séculos passados, a mulher não tinha espaço, nem sequer voz e que era inimaginável ocupar o lugar de escritora, logo, a mulher que ousava escrever era silenciada por uma sociedade que não aceitava vê-la em um lugar que historicamente não era seu. Até o começo do século XX, informações sobre as mulheres eram obtidas, principalmente quando ambientadas no espaço doméstico e/ou por meio de cartas e diários. Muitas dessas informações foram até destruídas por elas próprias, geralmente casadas, para se adequarem aos padrões socioculturais do silêncio e quietude femininos (CAIXETA; BARBATO, 2004).

Esse espaço pouco visível, certamente, refletiu em esferas como no espaço literário. Nesse lugar, com o passar do tempo, a mulher passou a ocupar papéis de maior relevância e significações, sobretudo, nos finais do século XX e neste início do XXI; entretanto, é necessário ressaltar que as conquistas relacionadas à condição de subalternidade ainda são relativamente pequenas, diante da dimensão da problemática que é pensar sobre o tema. É necessário, igualmente, dizer que, em muitos espaços, a mulher ainda é vista como um ser frágil e sem perspectivas futuras, sobretudo nos ambientes em que ela ocupa um papel social restrito aos afazeres domésticos e à maternidade, por exemplo.

¹ O mapa da França tem o formato da figura geométrica hexágono; por essa razão, estudiosos da francofonia referem-se ao país como Hexágono, diferenciando-o de outros espaços/países em que a língua francesa está presente, em todos os continentes.

Em uma perspectiva de fazer conhecer o que parece estar ainda retido pelo véu do desconhecido, a presença feminina na poesia francófona pode ser indispensável para possibilitar a busca por um espaço que parece ter sido negado às mulheres ao longo dos anos. Portanto, pensar na produção poética francófona feminina pode nos dar suporte para abandonar os estereótipos e visões preconceituosas historicamente conhecidas.

Para tanto, esta pesquisa é um estudo de caráter descritivo, qualitativo, de cunho bibliográfico e documental (GIL, 2008, p. 50-51). De acordo com Silveira e Córvoa (2009, p. 31), “a pesquisa científica é o resultado de um inquérito ou exame minucioso, realizado com o objetivo de resolver um problema, recorrendo a procedimentos científicos”.

Tendo como base esse pressuposto, a metodologia de análise desta pesquisa insere-se no paradigma de pesquisas quali-quantitativas, considerando-se o foco enquanto natureza do fenômeno investigado (MOREIRA; CALEFE, 2008). É primordial que apresentemos as técnicas e os instrumentos que utilizaremos durante a coleta de dados para a elucidação da nossa pesquisa.

Consideramos quanto aos procedimentos, a pesquisa de cunho bibliográfico, uma vez que, de acordo com Fonseca (2002):

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (FONSECA, 2002, p. 32).

Atentamos assim, por meio de pesquisas bibliográficas, as bases teóricas que nos deram suporte acerca do que se refere as representações da voz da mulher poética na francofonia. O percurso da pesquisa é dividido em dois momentos principais: ponderações sobre a poética feminina francófona e análise da produção feminina que ressalta a impactante escrita das poetisas africanas de língua francesa.

A primeira etapa consistiu, portanto, na realização das leituras do aporte teórico que dão suporte às reflexões sobre o estudo da poética feminina, assim como nas leituras voltadas a francofonia, considerando-se a complexidade dessa temática. Em uma segunda etapa, passaremos à análise das obras selecionadas, identificando estas representações na obra de Marie-Léontine Tsibinda Bilombo. Neste momento, partiremos para a análise dos

elementos peculiares à lírica feminina (SOUZA; ALVES, 2013). De tal modo, julgamos ser importante, a realização de leituras que nos ajudem a perceber como a mulher conquistou um espaço marcadamente ocupado por homens.

Destarte, buscando respostas para as nossas indagações, apresentamos três objetivos específicos que estão relacionados à questão norteadora que nos inquieta em saber qual o lugar a poética francófona feminina ocupa no continente Africano. Dentre os seus objetivos, configura-se como geral: investigar e refletir sobre a voz da mulher na poética francófona a partir da perspectiva de uma poetisa do Continente Africano. Nessa perspectiva, nossos objetivos específicos foram: a) Discutir a importância da poesia francófona na valorização das poetisas africanas; b) Identificar os países da África nos quais há produção de uma expressiva poética feminina e apresentar as poetisas contemporâneas da francofonia existentes nesse continente; c) Analisar o lugar da mulher-poetisa a partir da obra de Marie-Léontine Tsibinda Bilombo.

Dessa forma, entendemos estar abrindo espaço para que poetisas francófonas da África possam ser conhecidas também no ambiente acadêmico, de modo que se amplie o conhecimento nesse domínio da literatura, visto que se trata de um espaço ainda fortemente marcado pela presença de autoria masculina.

Vale destacar que esta pesquisa é uma ampliação do projeto PIVIC/UFCG, vigências de 2015-2016 e 2016-2017, quando iniciamos a investigação que buscava identificar e analisar a produção poética feminina no âmbito da francofonia, enfocando, posteriormente, a África a partir de um mapeamento de tal produção. Com essas inquietações iniciais, ressaltamos a importância dessa poética para a nossa sociedade contemporânea. Neste trabalho de conclusão de curso, voltamos nosso olhar para uma análise e reflexão que investiga e reflete sobre a voz da mulher na poética francófona, dando um espaço particular a uma poetisa do continente africano, a congoleza Marie-Leontine Tsibinda Bilombo.

Esta pesquisa também tem um elo com as reflexões originadas no grupo PET-Letras²/ UFCG (Programa de Educação Tutorial), que no ano de 2016 teve como centro de suas atividades o tema *Minorias* (grupos marginalizados dentro de uma sociedade, devido aos aspectos econômicos, sociais, culturais, físicos ou religiosos). Assim,

² O Programa de Educação Tutorial (PET) foi criado para apoiar atividades acadêmicas que integram ensino, pesquisa e extensão. Formado por grupos tutoriais de aprendizagem, o PET propicia aos estudantes participantes, sob a orientação de um tutor, a realização de atividades extracurriculares que complementem a formação acadêmica do estudante e atendam às necessidades do próprio curso de graduação.

propomo-nos, pois, a refletir sobre o lugar da mulher enquanto minoria no conjunto da produção literária, muito especialmente, da francófona. Desse modo, associamos o termo minoria ao controle de um grupo majoritário sobre os demais, independentemente da quantidade numérica.

Desse modo, organizamos nosso trabalho em três capítulos, além das Considerações Iniciais, Considerações Finais e das Referências. Nesse sentido, principia-se, no Capítulo 1, *A literatura e a produção feminina na francofonia*, reflexões acerca da literatura enquanto arte de palavras, dando especial atenção à francófona e à escrita feminina, apresentando um levantamento de poetisas existentes do século XIX ao XXI. No capítulo seguinte, direcionamos nosso olhar para *A poética francófona feminina no continente africano* e no terceiro capítulo, atentamos para os *Vislumbres da poetisa africana francófona*, momento no qual discutimos alguns dos temas mais recorrentes na produção literária feminina francófona, na África, dando maior foco à voz de Marie-Léontine Tsibinda Bilombo. Ainda nesse capítulo, optamos por fazer uma seleção de poemas, resultando em uma antologia inicial de poemas produzidos, em língua francesa, por poetisas do continente africano entendendo que pode ser um material importante para ser trabalhado em sala de aula de francês como língua estrangeira FLE.

CAPITULO 1:

**A LITERATURA E A PRODUÇÃO FEMININA
NA FRANCOFONIA**

Um dos diversos reflexos de mudanças de nossa sociedade diz respeito ao lugar da mulher, que durante muito tempo esteve à sombra dos homens. Desse modo, quando nos referimos aos escritores de obras literárias, vem-nos logo à mente alguns nomes de escritores (homens), deixando-se as escritoras relegadas às margens.

Diante disto, a literatura francófona tem grande destaque no conjunto da produção literária de língua francesa em todos os continentes, contribuindo fortemente para o crescimento e divulgação da língua francesa e de sua literatura nos mais diversos espaços geográficos. Entretanto, nos dias de hoje, mesmo em nível internacional, estudos sobre a produção poética feminina ainda encontra espaços restritos e a sua divulgação ainda é feita a partir de sítios da rede mundial de computadores; e, as publicações impressas, são raras, resultando em estudos sobre tal tema também pouco difundidos. Nesse sentido, é uma necessidade investigar e discutir a problemática da invisibilidade da presença feminina no mundo da poesia na francofonia, buscando dar à produção feminina o lugar que lhe é merecido.

Isto posto, trazemos, inicialmente, reflexões relacionadas ao lugar da mulher na literatura, que é um fator relevante para que sejam provocadas reais mudanças neste espaço caracterizado fortemente pela autoria masculina, fazemos, pois, um resgate dos estudos existentes sobre o que se refere à escrita dessas poetisas. Posteriormente, discutimos sobre como a língua francesa contribui no processo de des-silenciamento da produção poética de escritoras francófonas.

1.1 A arte da palavra como lugar de resistência e de resgate da memória

Refletir sobre a história literária e, especialmente, na Poética como arte, segundo Boileau (2012), tradicionalmente, excluiu a mulher dessa história, pois, deve-se considerar que a musa visita o seu poeta (homem). Evidentemente, dentro da arte poética, a mulher teve tão somente um papel de musa, logo, ela faz visitas aos poetas e não às poetisas; termo que ao longo de muito tempo obteve um sentido de poeta menor.

Ora, ao longo da história, as mulheres viveram à margem, sempre em um espaço de pouco destaque, alguém estava no centro. Portanto, não é difícil identificar que, nesse domínio, o espaço era reservado ao homem, ao poeta àquele que recebia a visita de sua musa inspiradora.

Pensando sobre esses fatos, de acordo com Huannou (1999):

Les domaines d'intervention respectifs des deux sexes sont assez nettement séparés, comme s'il était déshonorant pour l'homme de s'adonner aux activités traditionnellement réservées à la femme: à l'homme, les activités les plus «nobles», les plus «importants»; à la femme, les autres activités.³ (HUANNOU, 1999, p.67)

Assim, ocupar lugares socialmente marcados pela presença e dominação masculina é uma grande conquista social, que abre espaço para “[...] uma nova representação que as mulheres têm delas mesmas e de seu lugar na vida social”, (TOURAINÉ, 2007, p.9). Nesse contexto, mesmo quando algumas escritoras conseguiam sair da zona do desconhecido, o ato de escrever e o seu produto eram considerados uma escrita desvalorizada, onde não se tinha nem vez nem voz.

No entanto, é preciso lembrar que as mulheres escritoras inscreveram suas marcas na sociedade, buscando deixar registrada uma identidade própria, construindo assim um papel essencial na arte da escrita e desconstruindo uma imagem única de fragilidade imposta a elas. À vista disso, acredita-se que mulheres como Christine de Pisan (1363-1430), Madame de Staël (1776-1817), George Sand (1804-1876), ou Simone de Beauvoir (1908-1986) poderiam ter ocupado um espaço diferente em meio aos homens, tanto no discurso literário, quanto no filosófico. Essas escritoras buscaram ocupar um lugar de maior destaque em suas épocas e procuraram, assim, por meio de sua arma, -a arte da palavra-, usar do direito de falar e mostrar a realidade.

Associando a realidade da francofonia à produção literária de poetisas, evocamos Touraine (2007, p. 27), que declara: “Ser mulher não é a pura constatação de um estado de fato, mas a afirmação de uma vontade de ser”. Nesse sentido, as poetisas, veem então na literatura a possibilidade de eliminar papéis, a ela impostos que, de alguma forma, apresentem anulação de si, assumindo os rumos de sua própria vida, colocando no papel os desejos do sujeito poético de libertar-se da “subordinação de silenciamento” para acabar com as práticas de apagamento de sua escritura e começar a ser, a pensar e a decidir sobre si mesma, contradizendo a natureza e o espaço a elas destinados.

Tradicionalmente, considerar a possibilidade de uma mulher escrever já demonstra uma quebra de imposições e/ou ideologias e imaginar que as poetisas escrevem nesse contexto, desconstrói um paradigma bastante tradicional para o qual a Literatura é,

³Os domínios de intervenção de ambos os sexos são claramente separados, como se fosse uma vergonha para o homem devotar-se às atividades tradicionalmente reservadas à mulher: ao homem, às atividades “mais nobres”, “mais importantes”; à mulher, as outras atividades. (HUANNOU, 1999, p.67) (Todas as traduções são de nossa autoria, salvo menção contrária).

por excelência, um espaço do universo masculino. Isso se vê tanto nas literaturas europeias, quanto nas latino-americanas e mesmo de outros espaços geográficos, como é o caso dos mares e oceanos nos quais a língua francesa está presente⁴.

Do mesmo modo, durante muito tempo, o único espaço em que a mulher aparecia era quando os poetas as descreviam em seus textos, descrevendo-as com fragilidade e submissão, deixando-as relegadas ao segundo plano, representando a mulher como seres oprimidos, presas às ideologias.

Desse modo, vale lembrar que a escrita produzida por mulheres não acontece com o intuito de tentar sobrepor-se às já existentes, mas destaca-se por suas temáticas e representações com a finalidade de apropriar-se de sua voz, ganhando espaço dentro deste lugar que historicamente não era seu, caracterizado somente pela presença e dominação masculina.

1.2 A língua francesa como caminho para novas descobertas

Independente da língua ou do lugar, é indispensável que essas mulheres escrevam, dando voz às histórias reais e ressaltando a sua força e identidade dentro da sociedade. No que concerne ao lugar da mulher na literatura, este parece-nos estar sempre relacionado ao silêncio e, nesse sentido, a poética feminina age como um dos principais meios de expressão, rompendo tal silêncio como um lugar de resistência e de resgate da memória. Por isso, compreendemos que ser mulher e ser poetisa é ocupar um lugar de minorias, sobretudo quando as ponderações são feitas a partir de uma peculiaridade: estar no âmbito da francofonia (dos países que tem o francês como língua materna, segunda ou veicular).

Partimos do pressuposto que compreender as discussões apontadas pelos (des) silenciamentos da autoria literária feminina e de vozes de escritoras francófonas é basal para compreender seu destaque no conjunto da produção literária de língua francesa. Tendo-se isso em vista, antes de tratar do emudecimento da voz feminina, cabe elucidar que ligada à diversidade nos espaços francófonos, está o termo “francofonia”.

Assim, de acordo com Combe (2010):

⁴Quando nos referimos aos oceanos e continentes, queremos destacar a presença da língua francesa como uma língua presente nos espaços insulares do oceano Pacífico, Índico.

L'adjectif «francophone» est attesté par les dictionnaires depuis les années 1930, mais il semble avoir été inventé dès 1880, comme un néologisme, par le géographe Onésime Reclus (1837-1916), frère d'Élisée, connu pour son engagement anarchiste durant la Commune. (COMBE, 2010, p. 37)⁵

Esse termo tem ligação com a questão de político-linguística, assim, refere-se a um grupo de falantes que façam uso da língua francesa como língua materna, veicular ou administrativa. Isto é, esse tema está em diferentes espaços e não apenas no literário, -que é o nosso foco. Desse modo, percebe-se que a literatura francófona vem contribuindo fortemente na produção literária de língua francesa em todos os continentes, para o crescimento e divulgação da literatura nos mais variados espaços geográficos.

A francofonia é um termo que é carregado de plurissignificações. Originalmente, o termo foi pensado para aproximar espaços geográficos distantes. A respeito da história dessa palavra, sabe-se que em 1880, o geógrafo Onésime Reclus (1837-1916) pensou um termo que aproximaria, então, os longínquos em torno de uma só ideia.

Diante disso, a nossa investigação tem nos levado a um importante ponto, que ressalta a nossa proposta enquanto um caminho que visa a mostrar o quanto a mulher, antes totalmente excluída dos espaços literários, tem buscado ganhar visibilidade em suas produções.

Assim, de acordo com Huannou (1999):

Par littérature, la femme écrivain exprime les aspirations légitimes et les revendications féministes de toutes les femmes, elle amène les autres femmes à prendre pleinement conscience de la condition féministe et de ce qu'elle comporte d'inacceptable pour elles, à désirer l'amélioration de leurs conditions de vie et à lutter pour obtenir; en décrivant la situation de la femme dans la société africaine, la femme écrivain exhorte indirectement ses soeurs à lutter pour changer. (HUANNOU, 1999, p.113)⁶.

Portanto, entendemos que conhecer a história da produção literária feminina pode sensibilizar outros olhares para a valorização e também para o reconhecimento de um

⁵ O adjetivo "francofonia" é aceito através de dicionários em 1930, mas ele teve sua invenção em 1880, como neologismo, pelo geógrafo Onésime Reclus (1837-1916), o irmão de Eliseu, conhecido pelo seu compromisso anárquico durante a Comuna. (COMBE, 2010, p. 37)

⁶ Para a literatura, a mulher escritora exprime as aspirações legítimas e as reivindicações feministas de todas as mulheres, conduz as outras mulheres a tomarem plenamente consciência da condição feminina e que comporta de inaceitável para elas, desejar a melhoria das suas condições de vida e lutar para obter; em que descreve a situação da mulher na sociedade africana, a mulher escritora exorta indiretamente as suas irmãs a lutar pela mudança. (HUANNOU, 1999, p.113).

trabalho que, ao longo da história, já tem em si o valor de ser produzido na contracorrente, consecutivamente, com um olhar crítico no presente, no passado e esperançoso no devir.

No que concerne à literatura francófona, é necessário evidenciar que se trata de uma literatura de grande destaque no conjunto da produção de língua francesa. Ressalte-se ainda que a língua francesa na França possui apenas o substantivo masculino “*écrivain*”, aceitando apenas informalmente, a feminilização do nome; embora, em outros países dessa mesma língua como no Canadá (Quebec), por exemplo, se utilize livremente a versão feminina: “*écrivaine*”.

Nesse sentido, adentrar espaços antes impenetráveis é, definitivamente, para as minorias sociais, uma grande conquista social. Então, historicamente, quando se fazia referência às produções de autoria feminina, remetia-se, naturalmente, às produções rotuladas como sendo “coisas de mulher” ou puramente pieguices; o que diminuía imensamente o seu devido valor.

1.3 Em busca do des-silenciamento da poética de escritoras francófonas

Embora a produção de escritoras ainda ocupe um lugar deveras frágil entre as produções literárias em todo mundo, estudos que buscam mostrar o espaço que é dado à presença feminina apontam para melhorias tanto no que diz respeito ao tratamento, quanto ao trabalho e, no que concerne à literatura, essas mulheres têm, nos dias hoje, mais prestígio que em anos passados.

Essas poetisas buscaram obter um espaço ao lado dos homens no mundo das Letras com o intuito de enriquecer sua cultura e fazer com que suas próprias opiniões e histórias fossem ouvidas. Apesar de se observar um grande progresso nesse meio, a literatura ainda não é um espaço igualitário, assim como em diversos outros.

Segundo Touraine (2007):

[...] a necessidade de romper com o discurso do gênero ‘neste campo nada se pode fazer’, e contribuir na redescoberta das mulheres como atrizes sociais - em revelando seus objetivos, os conflitos nos quais estão implicadas e a vontade de ser ‘sujeitos’ de suas próprias existências. (TOURAINÉ, 2007, p. 10. aspas do autor).

Por esse prisma, percebemos que as poetisas foram, por assim dizer, obrigadas a permanecerem emudecidas durante anos, sem nenhum espaço para qualquer tipo de manifestação, assim era necessário desmistificar a tentativa de diferenciar os gêneros, dando abertura para a voz feminina. Touraine (2007, p. 18) ainda esclarece que “As

mulheres eram obrigadas a agir em função de seu lugar na sociedade; sua subjetividade nada mais era do que um conjunto de reflexos e de ilusões, e que as tornavam incapazes de uma ação autônoma”.

Esse era o momento que as mulheres careciam reiterar sua identidade firmando-se na literatura para construir seu poder de decidir a direção de suas próprias vidas, abandonando sua existência baseada somente nas sombras masculinas, passando pouco a pouco a atrair olhares interessados em lhes desnudar os mecanismos que lhe compõem o modo de ser, ganhando, por conseguinte, espaço e voz neste campo.

É evidente que hoje elas têm consciência desta função de atrizes morais, livres, responsáveis, e não mais se consideram objetos carregados de significações impostas de fora, mas atrizes cujo objetivo principal é construir a si mesmas como atrizes, como seres livres. (TOURAINÉ, 2007, p. 31).

De modo claro, ainda se discute o lugar social da mulher. Hoje, pode-se dizer que como resultado dessa conscientização de “ser atriz e diretora” de sua própria vida, ela passou, então, a ocupar um lugar que não lhe era dado anteriormente.

Sabendo que a produção de escritoras/ poetisas ainda ocupa um lugar pouco representativo, se o comparamos à produção literária dos poetas, em todo mundo, somos conduzidos a entender que a única voz feminina possível de ouvir parece ser aquela que ainda é marcada pelo silêncio. Entretanto, pode-se dizer que o espaço que é dado à presença da mulher na literatura tem, nos dias de hoje, um pouco mais de prestígio se o comparamos aos anos passados.

Por certo, a produção de escritoras ainda ocupa um lugar deveras tímido entre produções literárias em todo mundo. Portanto, fazer conhecer e propagar a produção literária da poética feminina é um caminho significativamente indispensável e decisivo para se abrir um espaço que é tão importante para se dar voz a quem não tem vez.

Encontramos hoje, diversos desafios para a publicação de obras de poetisas francófonas. Doucey (2010. p.13) ressalta em sua antologia que “une universitaire de la Barbade rencontrée faisait remarquer qu’il est choquant, à notre époque, de consacrer un livre exclusivement aux femmes”⁷. Assim, depreendemos que ainda há certa surpresa quando um editor decide abrir espaço para poetisas; o que aponta para o papel literário da mulher ou ainda para o fato que a sua voz nesse universo parece ocupar um espaço de

⁷ “um universitário da Barbados demonstrou-se chocado, à nossa época, o fato de dedicar um livro exclusivamente às mulheres”. (DOUCEY, 2010. p.13).

resistência e resgate de memórias. Tal afirmação pode ser feita a partir de um olhar que percebe que elas se preocupam em propagar a ideia de uma necessária mudança nos comportamentos da sociedade em que vivem.

Após algumas ponderações acerca da poética de mulheres da francofonia, nos ateremos a um levantamento, no qual fazemos uma exposição de algumas dessas vozes nos mares e nos continentes de língua francesa. Com essa pesquisa, acreditamos proporcionar o conhecimento de poetisas representativas na história da literatura de língua francesa no mundo.

Em cada continente, as vozes femininas, com suas especificidades, procuram conquistar um espaço. Nesse momento, exporemos, primeiramente, as poetisas francófonas nos séculos XIX, XX e XXI, laureadas por sua escrita e, em seguida, as poetisas que até o momento não receberam premiações, não obstante, a sua poética marcante. Cabe ainda lembrar que embora pareça um recorte muito extenso, esse período de três séculos, lembramos que toda a história pregressa da poética feminina em língua francesa ressalta o quanto esse lugar deixou de ser ocupado por elas.

Optamos por citar nomeadamente as escritoras, destacando os seus países de origem, além de seu ano de nascimento e morte, e suas premiações em muitos alguns casos. Também dividimos por continentes e países, dando maior enfoque à produção que se encontra fora do eixo hexagonal, -como é conhecida a França, por ter o mesmo formato da figura geométrica hexágono-, além de apresentar premiações recebidas pelas obras. Partimos, então, para as poetisas da francofonia.

Quadro 1 – Poetisas da Francofonia que receberam algum reconhecimento

CONTINENTE AFRICANO			
POETISA	PAÍS DE ORIGEM	VIDA	RECONHECIMENTO
Werewere Liking	Douala, África central.	1950	Prêmio de Prince Claus (2000). Prêmio Nom a de publication em Afrique (2005).
Aminata Sow Fall	Saint-Louis, Senegal	1941	Grande prêmio littéraire d'Afrique noire (1980).
Elisabeth Françoise Tol'ande Mweya	Kinshasa, Congo	1947	Prêmio de poesia Sébastien Ngonsoen (1967). Prêmio de poesia Mobutu Sesekoen (1972).
Clémentine Nzuji	Tshofa, República Democrática do Congo	1944	Prêmio de poesia au Concours Littéraire Président L.S. Senghor (1969).
Tanella Boni	Abidjan, Costa do Marfim.	1954	Prêmio internacional de poesia Antonio Vicarro 2009.
Assia Djebar	Cherchell Argélia	1936-2015	Élue membre de l'Académie française (2005).
Ahlam Mostaghanemi	Rabat, Marrocos	1944	Prêmio pela fundação Nour pour la créativité féminine (1996).
Andrée Chedid	Cairo, Egito	1920-2011	Prêmio Goncourt de la poésie (2002).
Marie-Leontine Tsibinda Bilombo	Brazzaville, Congo	1958	Prêmio Nacional de Poesia em (1981). Prêmio Unesco-Aschberg (1996).
CONTINENTE ASIÁTICO			
POETISA	PAÍS DE ORIGEM	VIDA	PRÊMIOS
Nadia Tuéni	Líbano, Ásia Ocidental	1935-1983	Academia Francesa em (1973).
Shan Sa	Pequim, China.	1972	Prêmio Goncourt du premier roman.

CONTINENTE EUROPEU			
POETISA	PAÍS DE ORIGEM	VIDA	PRÊMIOS
S. Corinna Bille	Lausane, Suíça.	1923-1979	Prêmio Schiller (1974).
Colette Nys-Mazure	Wavre, Bélgica.	1939	Prêmio de poesia para a juventude do Ministério da Juventude e des Sports.
Marguerite Yourcenar	Bruxelas, Bélgica	1903-1987	Grande Prêmio de literatura de l'académie française (1977)
Liliane Wouters	Ixelles, Bélgica	1930-2016	Prêmio trienal de poesia Le bois sec (1961). Prêmio Goncourt de la poésie (2000).
Françoise Lison-Leroy	Wodecq, Bélgica	1951	Prêmio Froissart (1983). Prêmio Maurice et Gisèle Gauchez-Philippot (1995).
Véronique Tadjo	Paris, França	1965	Prêmio literário d'Afrique Noire em (2005)
Lucie Spede	Etterbeek, Bélgica.	1936-2006	Prêmio de l'Agence de Coopération Culturelle et Technique (1972).
CONTINENTE AMERICANO			
POETISA	PAÍS DE ORIGEM	VIDA	PRÊMIOS
Nicole Brossard	Montreal, Canadá	1943	Prêmio Artquimedia e Prêmio do Governador geral do Canada, poesia, para Chant pour un Québec lointain, VLB éditeur et La Table rase (1991).
Marie-Claire Blais	Quebec, Canadá	1939	Prêmio de l'Académie française, Visions d'Anna- 1989.
Yolande Villemaire	Saint-Augustin-de-Mirabel, Quebec.	1949	Prêmio literários Radio-Canada de poesia, para L'armure (2001).
Anne Hébert	Montreal, Canadá.	1916-2000	Prêmio Molson (1968).
Rina Lasnier	Quebec, Canadá	1915- 1997	Prêmio David (1943). Membro fundadora de l'Académie canadienne-française (1944).
Madeleine Gagnon	Amqui, Canadá.	1938	Grande Prêmio do Jornal de Montréal – Poesia.
ILHAS			
POETISA	ORIGEM	VIDA	PRÊMIOS
Ananda Devi	Trois Boutiques (Ilha Marianas do Norte), Ilhas Maurício.	1957	Prêmio dos cinco continentes da francofonia (2006).

Fonte: Quadro elaborado por Emily Thaís Barbosa Neves, para esta pesquisa.

Uma parte considerável das poetisas francófonas do continente africano que não tiveram, até o presente momento, o reconhecimento de serem premiadas por suas grandes obras foram:

QUADRO 2: poetisas francófonas ainda não premiadas

REGIÃO AFRICANA		
POETISA	ORIGEM	VIDA
Nafissatou Dia Diouf	Dakar, Senegal	1973
Fatou Ndiaye Sow	Tivaouane, Senegal	1956 -2004
Annette Mbaye d'Erneville	Sokone, Senegal	1926
Esther Nirina	Madagascar	1932-2004
Safia Ketou	Ain Sefra, Argélia	1944-1989
Marie Louise Taos Amrouche	Tunísia	1913- 1976
Fadhma Aït Mansour Amrouche	Tizi Hibel, Argélia	1882- 1967
Ndeye Coumba Mbengue	Rufisque, Senegal	1924-2001
Siham Benchekroun	Fès, Marrocos	-
REGIÃO OCEANICA		
POETISA	ORIGEM	VIDA
Michou Chaze	Papeete, no Tahiti	1959
Louise Peltzer	Huahine, Polinésia francesa	1946
REGIÃO EUROPÉIA		
POETISA	ORIGEM	VIDA
Anise Koltz	Eich, Luxemburgo na Europa Ocidental	1928
Joyce Mansour	Bowden, Inglaterra	1928-1986
Marie Gevers	Edegem, Bélgica	1883-1975
Delphine de Girardin	Aachen, Alemanha	1804-1855
Louise Michel	Vroncourt-la-Côte, França	1830- 1905
Dewe Gorodey	Ponérihouen, Nova Caledônia, França	1949

Fonte: Quadro elaborado por Emily Thaís Barbosa Neves, para esta pesquisa.

A partir deste levantamento podemos ver quão rica é a poética feminina francófona, ao redor do mundo, e o quanto ainda é preciso estudar e divulgar essas mulheres escritoras.

Destacamos, no século XIX, a poetisa Louise-Victorine Choquet nascida em Paris (1813- 1890). Um de seus poemas, intitulado: “Aux femmes”, identifica claramente como a mulher era emudecida, no século XIX. A busca constante de conseguir ser notada dentro

da sociedade era refletida em poemas como este. O eu-lírico trás a idealização de uma mulher, do quanto ela pode e deve ser admirada.

POEMA

«Enviez-la. Qu'il souffre ou combatte, c'est
Elle
Que l'homme à son secours incessamment
appelle,
Sa joie et son appui, son trésor sous les cieux,
Qu'il pressentait de l'âme et qu'il cherchait
des yeux,
La colombe au cou blanc qu'un vent du ciel
ramène
Vers cette arche en danger de la famille
humaine,
Qui, des saintes hauteurs en ce morne séjour,
Pour branche d'olivier a rapporté l'amour ».

VERSÃO⁸

“Inveja-a. Quem sofre ou combate é
Ela
Como o homem a chama incessantemente para
salvá-lo,
Sua alegria e o seu apoio, seu tesouro sob os
céus,
Como pressentia com a alma e que procurava
com olhos,
A pomba de pescoço branco que um vento do
céu traz
Para esta arca em perigo da família humana,
Quem, das santas alturas nesta estada morna,
Para ramo de oliveira novamente trouxe o
amor””.

Louise Ackermann, Paris, 1835

As mulheres no século XIX buscaram expor suas vozes - silenciadas até então - apresentando o amor como uma força invencível presente todos os dias. As poetisas inscreveram suas marcas na sociedade buscando instaurar uma identidade própria pautada nas singularidades dos universos femininos.

Em seguida, observamos a escrita de uma poetisa do século XX, período marcado pelas mulheres que já possuem uma maior liberdade em se impor, mesmo ainda silenciadas. Andrée Chedid, nascida no Cairo em 1920 é uma mulher francesa e poetisa de origem libanesa cristã.

Em 1946, ela se estabeleceu definitivamente em Paris, onde começou a publicar suas coleções de poesia. Sua obra é um questionamento contínuo à condição humana e da relação entre o homem e o mundo. Andrée Chedid, em toda a sua obra, celebra a vida amada, ao ter uma consciência viva da sua precariedade. Tomando por exemplo o poema “*De cet amour ardent je reste émerveillé*” :

⁸ Cientes da problemática que abraça a tradução da poesia, decidimos deixar tão somente a ideia proposta nos poemas; por essa razão, consideramos, aqui, versões e não traduções.

POEMA

Je reste émerveillée
 Du clapotis de l'eau
 Des oiseaux gazouilleurs
 Ces bonheurs de la terre
 Je reste émerveillée
 D'un amour Invincible
 Toujours présent.

VERSÃO

Eu fico maravilhada
 Do marulhar da água
 Dos pássaros barulhentos
 Essas felicidades da terra
 Eu fico maravilhada
 De um amor Invencível
 Sempre presente.

*Poema ofertado por Andrée Chedid para o
 Printemps des poètes 2007*

Identificamos que o eu-lírico consegue trazer, neste poema, seus desejos de maneira mais objetiva. Neste século observamos que a escritora não idealiza mais a mulher, como visto no poema anterior do século XIX.

Outra importante poetisa da francofonia é Anne Hébert, (1916-2000) nascida em St. Catherine Fossambault, Canadá, é uma escritora, romancista, poetisa, dramaturga e roteirista. Em 1942, ela publicou sua primeira antologia poética.

No poema *Les grandes fontaines* há a presença da sensação de perigo associado com o espaço limitado que representam essas fontes. O poema mostra a ausência de lugares intangíveis e intemporais.

POEMA

Les grandes fontaines

N'allons pas en ces bois profonds
 À cause des grandes fontaines
 Qui dorment au fond.
 N'éveillons pas les grandes fontaines
 Un faux sommeil clôt leurs paupières salées
 Aucun rêve n'y invente de floraisons
 Sous-marines et blanches et rares.
 Les jours alentour
 Et les arbres longs et chantants

N'y plongent aucune image.
 L'eau de ces bois sombres
 Est si pure et si uniquement fluide
 Et consacrée en cet écoulement de source
 Vocation marine où je me mire.

Ô larmes à l'intérieur de moi
 Au creux de cet espace grave
 Où veillent les droits piliers
 De ma patience ancienne
 Pour vous garder
 Solitude éternelle solitude de l'eau.
 (Paris: Editions du Seuil, 1960), p. 17-18.

VERSÃO

As grandes fontes

Não vamos nessas florestas profundas
 Devido às grandes fontes
 Que dormem no fundo.
 Não despertemos as grandes fontes
 Um falso sono fecha as suas pálpebras salgadas
 Nenhum sonho, lá, inventa floreios
 Submarinos e brancos e raros.
 Os dias ao redor
 E as árvores longas e melodiosas

Lá não mergulham nenhuma imagem.
 A água dessas florestas sombrias
 É tão pura e tão unicamente fluída
 E consagrada neste escoamento de fonte
 Vocação marinha onde eu me vejo.

Ô lágrimas do meu interior
 No oco deste espaço grave
 Onde velam os direitos pilares
 Da minha paciência antiga
 Para vos guardar
 Solidão eterna solidão da água.

Por meio da leitura desses poemas observamos quão necessário é descobrir essa rica produção literária e pensar nesses textos como ferramentas que dão historicamente voz a essas grandes mulheres, pois, a partir deles é possível observar que as poetisas não são como queriam mostrar, em outras épocas, os considerados grandes poetas, que as tinham simplesmente como musas inspiradoras.

A poética dessas escritoras revela um exercício do fazer poética, como ensinaram os grandes mestres ; pois, é possível observar que as elas não estão apenas voltadas para os afazeres domésticos, como tradicionalmente. O eu-lírico é bastante contundente, quando se lê, por exemplo, na última estrofe, ratificando a força poética das francófonas.

CAPITULO 2:

**A POÉTICA FRANCÓFONA FEMININA NO
CONTINENTE AFRICANO**

Faz-se necessário realçar que apesar de os espaços francófonos serem distintos, a mulher escritora dispõe de semelhanças nesses meios, pois, seja na Europa ou na África, a mulher está constantemente em busca do seu lugar na sociedade. Assim, depreendemos que a literatura produzida nos países “francófonos”, em língua francesa, tem corroborado para o fortalecimento da literatura nesses espaços. Tomando consciência de que possuem uma rica e variada literatura que foi se ampliando através dos tempos, buscamos visibilizar as poetisas que adotaram a língua francesa para a produção ficcional literária.

É importante dizer que, apenas recentemente, pensou-se na escrita feminina como uma categoria particular que busca uma mudança na condição de subalternização da mulher. A literatura constituiu-se, portanto, como um espaço de subterfúgio para esse povo que estava passando por um doloroso processo de colonização (COMBE, 2010).

Assim, as poetisas encontraram, na escrita literária, um caminho para fazer ecoar a sua voz, expressando suas dores, suas revoltas relacionadas ao complexo cotidiano dos imigrantes africanos, além de temas como torturas ou repressões políticas. Historicamente, a língua francesa foi imposta no continente africano por meio da colonização. Diante disso, de acordo com Silva (2017)

A escrita destas mulheres torna-se, então, uma atitude militante, um lugar de combate e de resistência para reconquistar espaços. Às mulheres eram assentidos espaços privados para conversar, obedecendo aos moldes de inferioridade que lhes eram conferidos; aos homens, a liberdade de utilizar espaços públicos para o que quisessem. (SILVA, 2017, p.45)

Apesar do doloroso caminho percorrido pela imposição da língua francesa no continente, as poetisas veem nela uma porta de entrada para instituições de ensino e de trabalho. Neste contexto, em um primeiro momento, discutiremos acerca das dificuldades existentes em ser mulher e em ter a sua representatividade autoral. Em seguida, voltaremos nossa atenção para a escritora africana.

2.1 Ser poetisa no continente africano

É no campo literário que as escritoras francófonas procuram romper silenciamentos e buscam a reconstrução identitária particular e coletiva, trazendo suas marcas e representações com o intuito de apropriarem-se de sua voz, sem que se sobreponham às produções masculinas já existentes. De uma maneira geral, essas poetisas

procuram romper com os discursos sacralizados pela tradição, nos quais a mulher ocupa, um lugar secundário em relação ao lugar ocupado pelo homem.

Diante disso, acerca da produção literária feminina, os registros na história literária não são abundantes, especificamente sobre as poetisas; o que, de certa forma, tem se constituído em um empecilho para os estudos sobre esse legado literário e cultural, bem como para a circulação das obras nos espaços de formação de leitores/as, em especial, nas instâncias universitária e escolar.

Há, evidentemente, grupos de estudos em universidades brasileiras, francesas, americanas, asiáticas, africanas e também em países banhados pelos oceanos Índico e Pacífico que vêm demonstrando interesse pelas pesquisas nesse campo. Por certo, o fato de vários prêmios literários terem sido concedidos a escritores de língua francesa, por alguns anos consecutivos, provocou uma reação em toda comunidade de escritores e estudiosos das literaturas de língua francesa.

Em diversas áreas, e como senso comum, a África permanece como um continente desconhecido e ignorado. Dentre estes inúmeros aspectos, a literatura produzida por mulheres não foge a esse esquecimento, uma vez que, apesar da caracterização de um continente movido pela violência e pelas durezas da vida, essas autoras, sentem a necessidade de registrar e transmitir outros olhares sobre aspectos diversos de suas vidas e da vida de seus próximos. Neste sentido, é por meio da literatura que encontramos a oportunidade de ter acesso a diferentes culturas e realidades sociais.

Nesse viés, a escrita feminina ocorre como um espaço de liberdade que segundo o estudioso Huannou (1999):

Par la littérature, en effet, la femme écrivainne contourne, lorsqu'elle n'a pu les surmonter, les obstacles qui l'empêchent de jouir effectivement de la liberté d'opinion, elle jouit du droit de se dire telle qu'elle est, du droit d'exprimer la conception de couple, de la famille et de la société et ses critiques au sujet de la gestion des affaires publiques, du droit de prophétiser l'avenir tel qu'elle l'imagine et souhaite, etc. (HUANNOU, 1999, p.113) ⁹

De acordo com os documentos oficiais que dizem respeito aos Direitos Humanos, os homens e as mulheres devem ter os mesmos direitos e deveres. Entretanto, não é isso que acontece na prática, as mulheres ainda buscam conquistar seus espaços. No que

⁹ Para a literatura, de fato, a mulher escritora contorna, quando ela não consegue superar os obstáculos que a impedem de efetivamente aproveitar a liberdade de opinião, ela tem o direito de dizer como, têm o direito de expressar as concepções de casais, da família e da sociedade e as suas críticas à gestão dos assuntos públicos, o direito de profetizar o futuro como ela imagina e desejos, etc. (HUANNOU 1999, p.113)

concerne à literatura, dívidas históricas começam, mesmo que timidamente, a serem consertadas, logo, vemos que quando a produção literária feminina é comparada a produção literária de autoria masculina ainda há um grande desacerto.

2.2 Da palavra sem voz à voz que sai no papel

Temos dado ênfase ao fato de que as poetisas da África francófona buscam fazer de seus escritos a voz da verdadeira pretensão da mulher, seus anseios, suas aflições, sua própria forma de ver a si e ao mundo. Desse modo, ao tomarem posse da palavra, utilizando-a como arma, elas se lançaram a contar suas vivências, porém, agora como protagonistas e não mais como objetos de uso. Isso porque, repita-se, durante muitas décadas, as mulheres eram submetidas a papéis que as subalternizavam, como exemplo no que se refere à educação, à sociedade africana, por exemplo, abria o espaço escolar apenas para os homens, deixando para a mulher unicamente as instruções básicas necessárias à formação de boas esposas e mães.

No que concerne à posição imposta à mulher na África, Huannou (1999) afirma que:

Mais dans lequel apparaissent quelques aspects majeurs de la condition féminine en Afrique: la «perpétuelle dépendance (de la femme) envers son père, son mari ou d'autres parentes de sexe masculin» comme si elle demeurerait mineure toute sa vie, la préférence «justifiée» par le fait que c'est aux garçons qu'il revient de perpétuer le patronyme de la famille, le mariage force des filles, «la violence physique, l'abandon et les troubles physiologiques et mentaux liés au refoulement», l'existence de nombreux préjugés défavorables aux femmes, colportés par la littérature orale et écrite et par les mass-médias, l'inégalité (déclarée ou tacite) des sexes devant la loi et le fait que les femmes sont numériquement moins bien représentées que les hommes au sein des assemblées politique, des gouvernements et des organes dirigeants des partis. (HUANNOU, 1999, p.63)¹⁰

¹⁰ Mas onde aparecem alguns dos principais aspectos da condição feminina na África: “a perpétua dependência (da mulher) para com seu pai, ou outros parentes do sexo masculino "como se permanecesse menor toda a sua vida, a preferência “justificada” pelo fato que é aos rapazes que retorna perpetuar o patronímico da família, o casamento forçado de meninas”, a violência física, o abandono e as perturbações fisiológicas e mentais relacionadas com a repressão”, a existência de numerosos preconceitos desfavoráveis às mulheres, espalhados pela literatura oral e escrita e pelos meios de comunicação, pela desigualdade (expressa ou implícita) a igualdade perante a lei e o fato de que as mulheres são numericamente menos representadas do que os homens dentro de assembleias políticas, governos e órgãos de governo dos partidos. (HUANNOU 1999, p.63)

Assim, elas eram deixadas confinadas somente aos espaços domésticos, estas mulheres não possuíam as mesmas oportunidades que os homens, sendo, portanto, excluídas de todas as condições mínimas de alfabetização.

Historicamente, de acordo com a sociedade da época, até nem tão distantes, não havia a possibilidade de “submetê-las a um outro olhar, um olhar capaz de detectar e de desnudar particularidades a que a convenção masculina nunca esteve atenta”. (ZOLIN, 2009, p.328). Esse silenciamento imposto, trazia consigo uma carga de incapacidade vista pela sociedade, na qual as mulheres eram vistas como inábeis para a realização de algumas atividades, sobretudo as intelectuais, com competências insuficientes quando comparada aos homens, não podendo pensar na possibilidade de coloca-las no mesmo nível que eles.

Entretanto, após inúmeras lutas, a mulher conseguiu esse privilégio da escrita, mas também foi obrigada a escrever por meio de pseudônimos masculinos. Em um panorama em torno da história da produção literária feminina, algumas autoras tiveram seus escritos apropriados por homens de sua própria família como marido e irmãos, conforme nos afirma Zolin (2009):

Muitas mulheres tornaram-se escritoras, profissão, até então, eminentemente masculina; mesmo que para isso tenham tido que se valer de pseudônimos masculinos para escapar às prováveis retaliações e seus romances, motivadas por esse “detalhe” referente à autoria. (ZOLIN, 2009, p.221).

Assim, ainda que, atualmente, a luta feminista demonstre já ter realizado grandes conquistas e os temas que dizem respeito às diferenças de gênero e à desigualdade das condições entre homens e mulheres evidencie ser um assunto clichê, é notório que a sociedade ainda é constituída por práticas sociais que tentam normatizar o comportamento feminino e masculino, impondo papéis socialmente construídos sobre eles, como se tais papéis fossem naturais.

Ao nos depararmos com a poesia feminina de alguns países como a Argélia, por exemplo, observamos que nesse meio, mulheres conseguem superar os obstáculos impostos pelas circunstâncias sociais. Considerando-se que a família é um dos âmbitos sociais nos quais a mulher tem menos voz, tornando-a calada em seu ambiente familiar e emudecida nos diversos espaços da sociedade, esse silenciamento faz da poetisa não unicamente um frágil personagem de uma poética frágil; mas, apresenta o quanto a sua força é indispensável para que sejam instigadas mudanças nas sociedades.

Encontramos na escrita literária feminina da África temas de modo recorrente. Pinheiro-Mariz e Blondeau (2012, p.146), apresenta que “entre os preferidos, encontra-se a questão da infância, da língua/cultura dupla, da poligamia, da pobreza, do controle social; assim como o tema do feminismo, bem como uma poesia realista”. Nesse sentido, a poetisa em toda a África escreve sobre os costumes e os hábitos do continente africano, mostrando a realidade que é, na maioria dos casos, uma realidade cruel.

Em países como Maghreb e Machrek da região africana, Pinheiro-Mariz; Blondeau (2012, p.147), afirmam que, “a mulher parece ter ainda menos espaço; todavia, essa negação de espaço instiga tanto as escritoras da região, que a produção nesses países é tão intensa quanto fundamentalmente “voz” por “vez” na sociedade”.

Quanto à literatura escrita por mulheres, em língua francesa na Ásia, há “quase uma ausência total de produção nesse continente” (PINHEIRO-MARIZ; BLONDEAU 2012, p. 148). O que faz com que percebamos escassos registros na história literária sobre a voz da mulher escritora, especificamente das poetisas. Na região da África mediterrânea, há diversas escritoras que ocupam esse lugar de porta-voz, dentre elas, citamos Assia Djebar, Malika Mokedden e Leïla Sebbar.

Deixando a África e a Ásia, a literatura de autoria feminina, no Quebec, parece viver outras experiências, pois “nesse espaço, a voz feminina não ficou enclausurada no esquecimento ou na submissão, como se percebe na literatura do continente africano” (PINHEIRO-MARIZ; BLONDEAU 2012, p. 149). Notamos um avanço na região do Quebec, em que a mulher não sofreu com a mesma proporção o silenciamento, tendo sua voz notada.

Porém, a partir do século XIX, encontra-se, com mais vigor, publicações de uma expressiva produção da poética feminina francófona. Nesse sentido, fazendo um resgate dos estudos investigativos existentes sobre essa temática, a partir do século XIX encontramos trabalhos das poetisas Fadhma Aït Mansour Amrouche, Delphine de Girardin, Marie Gevers e Louise Michel, percebemos portanto que já era possível observar uma escrita feminina como uma categoria particular, também é essa produção literária feminina que nos lembra da importância de se reconhecer o lugar da mulher na literatura não apenas como um mero detalhe, mas, como uma literatura que tem sua própria expressão.

2.3 A figura feminina em evidência e a valorização da mulher africana

Ora, se historicamente o lugar da escrita feminina não foi muito reconhecido, no ocidente, nas sociedades africanas, as mulheres ainda não têm o espaço que merecem, pois na sua maioria, as sociedades africanas são bastante sexistas. Estudiosos têm se debruçado sobre o assunto, destacando que na educação e a partir dela, as sociedades mudaram suas visões acerca de sua condição como mulher. Para Huannou (1999):

Grâce à l’instruction scolaire, la femme africaine découvre les différents aspects de la condition féminine à travers le monde, s’informe des droits de la femme et des luttes de mènent les femmes dans d’autres pays et sur d’autres continents pour améliorer leur condition de vie. (HUANNOU, 1999, p.94)¹¹

Nesse sentido, percebemos que com o passar dos anos, novos horizontes foram apresentados a essas mulheres, fazendo com que por meio de outras experiências elas tivessem a oportunidade de se verem e de buscarem conquistar os seus direitos.

Diante dessa visão mais ampla do mundo que a cerca, a mulher africana construiu um status que revela a sua conscientização; segundo Huannou (1999), uma revolta nasceu dessa tomada de consciência de seus direitos.

Para Huannou (1999, p.100), o reconhecimento de sua condição de mulher: “Née de la prise de conscience de ses droits et du caractère inacceptable de la condition féminine, la révolte de la femme traduit un sentiment qu’elle est victime d’une injustice”¹². Tal conscientização parece ter gerado, nas poetisas, um desejo de luta por seus direitos, através da palavra e, com o passar do tempo, conquistarem um espaço que lhes foi historicamente negado.

Assia Djebar (1936-2015), Andrée Chédid (1920-2011) e Tanella Boni (1954), são três grandes poetisas que são referências no que concerne a produção francófona. A argelina Assia Djebar (1936-2015), pseudônimo Fatma Zohra Imalayene, por meio de seus grandes trabalhos, tem uma grande influência na região Magrebina. Além de professora e escritora de língua francesa, dirigiu vários filmes e escreveu para o teatro. Em 1955, ela entrou na Escola Normal Superior em Sèvres (França), sendo portanto a

¹¹ Graças instrução à escolar, a mulher africana descobre os diferentes aspectos da condição feminina pelo mundo, informa-se dos direitos da mulher e lutas para levar as mulheres em outros países e em outros continentes para melhorar a sua condição de vida. (HUANNOU, 1999, p.94)

¹² Nascida da tomada de consciência dos seus direitos e do caráter inaceitável da condição feminina, a revolta da mulher traduz um sentimento de que ela é vítima de uma injustiça”. (HUANNOU, 1999, p.100)

primeira mulher muçulmana e argelina aceita nesta instituição. Assia Djébar é autora de novelas, notícias, ensaios e poemas, em 1969 escreveu *Poèmes pour l'Algérie heureuse*.¹³

Em 2005, a argelina foi eleita para a Academia Francesa, tornando-se a primeira escritora norte-Africana a entrar para a Academia. A escritora recebeu no ano seguinte uma grande homenagem, o *Dia Assia Djébar* foi estabelecido em Montreal, sendo comemorado anualmente em 16 de junho pela União dos Escritores do Quebec (UNEQ).

Com tradução em cerca de 23 línguas, as obras dessa importante escritora estão voltadas aos temas coletivos e, neles, é evocado o papel da mulher, o seu papel no conflito, seu confinamento na sociedade argelina tradicional e seu desejo de emancipação. Cada um dos seus livros tem o intuito de contribuir para a compreensão da identidade do Magrebe, e é também uma tentativa de entrar na modernidade.

A poetisa, Andrée Chédid, nascida em 1920 no Cairo, é autora de poesia, incluindo alguns poemas para crianças, peças de teatro, ensaios, contos e romances. Suas obras são questionamentos relacionados a condição humana e às ligações entre o homem e o mundo.

Andrée Chédid é autora de várias obras, em sua poesia, a poetisa exalta a vida e apresenta o Oriente com grande destaque, descrevendo ainda a guerra no Líbano, buscando restaurar pontes entre culturas e gerações.

Podemos encontrar seu trabalho poético em diversas obras, tais como: *Au cœur du cœur*¹⁴, 2010; *Vitesse de la lumière*¹⁵, 2006; *Rythmes*,¹⁶ 2003; *Lettres à la jeunesse*,¹⁷ 2003; *Territoires du souffle*,¹⁸ 1999; *Par-delà les mots*¹⁹, 1995; *La grammaire en fête*,²⁰ 1993; *Poèmes pour un texte*,²¹ 1991; *Textes pour un poème*,²² 1987; *Cavernes et Soleils*²³, 1979; *Fraternité de la parole*,²⁴ 1975 e *Fêtes et Lubies*,²⁵ 1973. A poetisa também possui algumas obras com poemas ilustrados, sendo: *Le Souffle des choses*²⁶, 2000; *Le Jardin*

¹³ Poemas para a Argélia feliz (1969)

¹⁴ No coração do coração (2010)

¹⁵ Velocidade da luz (2006)

¹⁶ Ritmos (2003)

¹⁷ Cartas à juventude (2003)

¹⁸ Territórios da respiração (1999)

¹⁹ Além das palavras (1995)

²⁰ A gramática em festa (1993)

²¹ Poemas para um texto (1991)

²² Textos para um poema (1987)

²³ Cavernas e Sóis (1979)

²⁴ Fraternidade da palavra (1975)

²⁵ Festas e Fantasias (1973)

²⁶ A Respiração das coisas (2000)

perdu, 1997²⁷; *Sept, sept textes de Chedid et sept gravures d'Erik Bersou*,²⁸ 1996; *Petit horoscope pour rire*²⁹, 1995; *Territoires du silence*,³⁰ 1994; *Reflets*,³¹ 1994; *Les Métamorphoses de Batine*,³² 1994; *Le Grain nu*³³, 1994; *Etats de l'image, du souffle et des mots*³⁴, 1993; *Marées*³⁵, 1992; *Les saisons de passage*³⁶, 1992 e *Poèmes*,³⁷ 1991

Em 2003, Andrée Chedid recebeu o Prêmio *Goncourt* poesia. Em 2010, a *Primavera dos Poetas* escolheu vários poemas para homenagear o trabalho de Andrée Chedid. Apresento também algumas produções de espetáculos e exposições que são baseados em seus poemas:

- *Lecture - Judith Magre lit "le Message" d'Andrée Chedid - mise en espace Harold David, avec Yves Martin, contrebassiste*³⁸

- *Allégeance - Exposition de Noémie Rocher - peintures à partir de poèmes d'Andrée Chedid*³⁹

- *Spectacle - À toi, brève invitée - Textes d'Andrée Chedid interprétés par Maurice Petit accompagné par Hélène Arntzen (piano, saxophones) et Luis Rigou (flûtes, percussions)*⁴⁰

- *Exposition - Andrée Chedid, fraternité de la parole. Cette exposition – parcours biographique et documentaire illustré de nombreux manuscrits, photographies, documents inédits... – célèbre une œuvre à portée de chacune et chacun de nous.*⁴¹

- *Exposition - Andrée Chedid: Alliances. Reproduction de vingt collages inédits d'Andrée Chedid, accompagnés de textes.*⁴²

²⁷ O jardim perdido (1997)

²⁸ Sete, sete textos de Chedid e sete gravuras de Erik Bersou (1996)

²⁹ Pequeno horóscopo para rir (1995)

³⁰ Territórios do o silêncio (1994)

³¹ Reflexos (1994)

³² As Metamorfoses de Batine (1994)

³³ O Grão nu (1994)

³⁴ Os estados da imagem, a respiração e as palavras (1993)

³⁵ Marés (1992)

³⁶ As estações de passagem (1992)

³⁷ Poemas (1991)

³⁸ *Leitura - Judith Magre lê "a Mensagem" de Andrée Chedid - posta em espaço Harold David, com Yves Martin, contrabaixista*

³⁹ *Fidelidade - Exposição de Noémie Rocher - pinturas a partir de poemas de Andrée Chedid*

⁴⁰ *Espectáculo - Para você, breve convidado - Textos de Andrée Chedid interpretada por Maurice Petit acompanhada por Hélène Arntzen (piano, saxofones) e Luis Rigou (flautas, percussões)*

⁴¹ *Exposição - Andrée Chedid, fraternidade da palavra. Esta exposição – é uma trilha biográfica e documental ilustrada com numerosos manuscritos, fotografias, documentos inéditos ... - celebra um trabalho ao alcance de todos e cada um de nós.*

⁴² *Exposição - Andrée Chedid: Alianças. Reprodução de vinte colagens inéditas de Andrée Chedid, acompanhadas de textos.*

- *Spectacle - Paroles d'Andrée Chedid avec Mady Mantelin, comédienne, et Marie-Hélène Desmaris, danseuse.*⁴³

Outra poetisa de grande importância para este estudo é Tanella Boni. Além de poeta, professora de Filosofia na Universidade de Cocody em Abidjan, romancista, contista e crítica, ela é autora de livros infantis. A escritora franco-marfinense, Tanella Suzanne Boni foi presidente da Associação de Escritores da Costa do Marfim de 1991 a 1997 e membro da Academia Mundial da Poesia desde 2001.

Em 2009, a poetisa recebeu o prêmio internacional de *poesia Antonio Viccaro au 27ème Marché de la Poésie*⁴⁴. Tanella Boni, é autora de diversas obras de poesia como exemplo: *L'avenir a rendez-vous avec l'aube*, 2012⁴⁵; *Jusqu'au souvenir de ton visage*, 2011⁴⁶; *Le rêve du dromadaire*,⁴⁷ 2009; *Gorée île Baobab*,⁴⁸ 2008; *Ma peau est fenêtre d'avenir*,⁴⁹ 2004; *Chaque jour l'Espérance*⁵⁰, 2002; *Il n'y a pas de parole heureuse*⁵¹, 1997; *Grain de sable*⁵², 1993; e *Labyrinthe*⁵³, 1984. Em seus escritos, ela tem o objetivo de compartilhar o conhecimento, mostrar a defesa dos direitos humanos, a convivência das culturas, a representação da humanidade e a vida das mulheres no cotidiano.

Uma parte considerável das poetisas francófonas do continente africano que não tiveram, até o presente momento, o reconhecimento de serem premiadas por suas grandes obras foram:

⁴³ - Espetáculo - Palavras de Andrée Chedid com Mady Mantelin, humorista, e Marie-Hélène Desmaris, dançarina.

⁴⁴ Antonio Viccaro XXVII Mercado da Poesia.

⁴⁵ O futuro tem encontros com a aurora (2012)

⁴⁶ Até à lembrança do teu rosto (2011)

⁴⁷ Sonhado do o dromedário (2009)

⁴⁸ Gorée ilha Baobab (2008)

⁴⁹ A minha pele é janela de futuro (2004)

⁵⁰ Cada dia a Esperança (2002)

⁵¹ Não há palavra feliz (1997)

⁵² Grão de areia(1993)

⁵³ Labirinto (1984)

QUADRO 3: Poetisas da África ainda não premiadas

POETISA	ORIGEM	OBRAS	EXEMPLOS DE POEMAS
Nafissatou Dia Diouf (1973)	Dakar, Senegal	2003: Primeur, poèmes de jeunesse (poésie), Ed Le nègre international	- La Vénus possédée - A ma mère, à ma soeur, à mon amie - Ma mère, ma terre - Rose des sables, rose des vents - Dis-moi - Les venelles de Kermel - Taaw bu taaru - Enfin seuls ... - T'écrire
Fatou Ndiaye Sow (1956 - 2004)	Tivaouane, Senegal	Fleurs du Sahel, Dakar, Les Nouvelles Éditions Africaines du Sénégal, 1990, 47 p.	- Caméléon
Esther Nirina (1932–2004)	Madagascar	Rien que lune: Oeuvres poétiques (1998) Mivolana an-tsoratra / Le dire par écrit (2004)	-
Rabhi Zohra alias Safia Ketou (1944-1989)	Ain Sefra, Argélia;	Amie cithare (Poésie) - Naaman, Sherbrooke	-
Marie Louise Taos Amrouche (1913- 1976)	Tunísia	Le Grain magique, recueil de contes et de poèmes, éditions François Maspéro, 1966 ; éditions de la Découverte, 1996.	-Filles du soleil -Ceinture d'amour
Fadhma Aït Mansour Amrouche (1882- 1967)	Tizi Hibel, Argélia	Inédits.	-
Ndeye Coumba Mbengue	Rufisque, Senegal	Filles du soleil. Dakar: Nouvelles Éditions Africaines, 1980. (44p.). Poésie.	-Filles du soleil: un hommage aux femmes!
Siham Benchekroun (1924- 2011)	Fès, Marrocos	A toi, poèmes (édition bilingue), Casablanca, Empreintes Edition, 2000, 82 pages. Publication conjointe de la traduction arabe Ilayka, par Salaheddine El Ouadie	-

Fadhma Aït Mansour Amrouche (1882- 1967)	Tizi Hibel, Argélia	Inédits.	-
Ndeye Coumba Mbengue (1924- 2011)	Rufisque, Senegal	Filles du soleil. Dakar: Nouvelles Éditions Africaines, 1980. (44p.). Poésie.	-Filles du soleil: un hommage aux femmes!
Siham Benchekroun	Fès, Marrocos	A toi, poèmes (édition bilingue), Casablanca, Empreintes Edition, 2000, 82 pages. Publication conjointe de la traduction arabe Ilayka, par Salaheddine El Ouadie	-

Fonte: Quadro elaborado por Emily Thaís Barbosa Neves, para esta pesquisa

A argelina Fadhma Aït Mansour Amrouche foi a precursora de poetisas francófonas da África magrebina. A poetisa viveu o exílio durante toda a sua vida desde o seu nascimento em 1883, na Argélia. Quarenta anos depois, na Tunísia, e posteriormente na Grã-Bretanha até a sua morte em 1967. Fadhma Aït Mansour Amrouche, mãe do cineasta e escritor Jean Amrouche (1906-1962) e da poetisa francófona Taos Amrouche (1913- 1976), buscou eternizar em suas obras os laços que a prendiam à sua terra natal.

Desse modo, a representação da África na história e na literatura tem sido sempre carregada de estereótipos, sendo assim, apresenta-se em um ambiente profícuo que se abre para a produção de mulheres. Diante disso, trazendo essas poetisas, entendemos estar lhes dando visibilidade. Isto porque com a negação de mulheres na literatura, as poetisas francófonas da região africana, diferentemente de outros continentes, buscaram com mais intensidade lutar por sua voz, produzindo poéticas relacionadas à realidade dos costumes da região.

Esse comportamento feminino/feminista é também fruto do período conhecido como pós-colonial, uma vez que a produção é majoritariamente feita a partir da independência de países colonizados pelos europeus. Neste sentido, segundo o estudioso Jean-Marc Moura (1999), o termo pós-colonial diz respeito às práticas de leitura e escrita que se preocupam com os fenômenos de dominação e ideologias imperialistas. Desse modo, ainda que a literatura pós-colonial se refira à produção literária da África independente do colonizador europeu deve ser vista como um contexto de colonização e descolonização.

A partir desses estudos, sabe-se que em sociedades patriarcais –sobretudo, nas africanas-, ainda não é muito comum observar comportamentos nos quais a mulher se posicione, consequência em uma “natural” privação de diversos direitos universais, tais como a escolarização ou, simplesmente, a escrita, uma vez que esse ato pode ser considerado, pelos mais tradicionais, como um rompimento nas tradições sociais, que põe a mulher em um lugar de subalternidade.

No continente africano, mesmo diante das diversas conquistas, ainda existem dificuldades de reconhecimento da produção das escritoras. Durante muito tempo, a produção feminina só obtinha algum reconhecimento, quando citada por autores já renomados e, em uma parcela relevante dessas citações, não havia uma clara referência à proeminência dessa produção poética.

Evidentemente, esse comportamento não é particular do continente africano; quando recorremos às antologias poéticas de línguas diferentes, facilmente identificamos que não há um número significativo de escritoras presentes em tais documentos. Então, observa-se a partir desse lugar, outro papel da mulher em relação à literatura: aquela em que ela é a personagem. Entretanto, em uma expressiva parte das vezes, elas eram descritas como frágeis e submissas, ou perigosamente fatais. Essa afirmação é ratificada pelos estudos de Zolin (2009, p.226), ao afirmar que em obras literárias, via-se a mulher como: sedutora, perigosa e imoral, o da mulher como megera, o da mulher indefesa e incapaz e, entre outros, o da mulher como anjo capaz de se sacrificar pelos que a cercam.

O percurso que fizemos nesta investigação, portanto, aponta para as poetisas do continente africano que, com a sua ‘pena’ foram agentes de transformação dessa história. Destacamos a poetisa Fatma Zohra Imalayen (30.06.1936-2015), que foi uma das principais escritoras argelinas de língua francesa. De origem árabe-muçulmana, escreveu romances, novelas, ensaios, peças dramáticas, argumentos para produção cinematográfica e também poemas. Por questões de perseguição política, Fatma Zohra Imalayen utilizou o pseudônimo de Assia Djébar, protegendo-se de confrontos com autoridades de sua região. Suas produções têm por principais temas a emancipação feminina, a História e a Argélia, através das suas línguas e culturas, fazendo-nos transitar, por meio de seus textos literários, entre diversos períodos da história de seu país, marcados pela violência e pela luta pelo poder, produzindo uma literatura de caráter iminentemente político.

Como porção da imensa produção de Assia Djébar, selecionamos o poema intitulado *Pour quelle vérité*, em que observamos como essa poetisa marca a voz que se

propunha a desvelar os modos de violência que ainda marcam as relações entre Oriente e Ocidente. Ela apresenta, no início, a necessidade de desconstruir a tradicional cultura do silenciamento nas mulheres escritoras. Ao longo da leitura do poema, percebemos que Fatma Zohra Imalayen tem por finalidade trazer à realidade da história, as vozes das mulheres e as múltiplas identidades de uma nação.

POEMA

Pour quelle vérité

Écrire d'abord et quelle que soit la langue,
celle qu'on balbutie ou qu'on crie,
puis plus tard qu'on écrit- et ce n'est plus
soudain la même!

Écrire enfin, où malgré l'hiatus qui par la
suite va vous suivre, comme une ombre
brisée, déformée...

Écrire, cela aurait pu être en chinois, ou en
bengali, ou en anglais: ce fut en arabe (pour
apprendre le Coran) et en français; à l'école.

Écrire, ce fut d'abord la première;
l'obscur nécessité.

II

Le français donc, celui de l'école, celui de
"nos ancêtres, les Gaulois," or ils n'étaient
pas "nos" ancêtres, et ils n'étaient pas
Gaulois!

Mes, nos ancêtres parlaient, ou criaient,
ou chantaient en arabe, en berbère, en...
Quelle importance, puisqu'ils n'écrivaient
pas, ou plutôt
qu'ils n'écrivaient plus,
ils faisaient la guerre(du moins dans les récits
de nos grands-mères!).

Ma grand-mère, en arabe, racontait aux
enfants autour d'elle, la guerre, les otages,
l'incendie des oliviers, à la zaouïa.

VERSÃO

Por qual verdade

Escrever primeiro e qualquer que seja a
língua,
aquela que se balbucia ou que se grita,
depois de ter sido escrita- e de repente ela não
é mais a mesma!

Escrever enfim, onde, apesar do hiato que na
sequência vai te seguir, como uma sombra
quebrada, deformada...

Escrever, poderia ter sido em chinês, ou em
bengalês, ou em inglês: mas, foi em árabe
(para aprender o Alcorão) e em francês; na
escola.

Escrever, foi primeiro a estreia;
a escura necessidade.

II

O francês por conseguinte, o da escola, o
"os nossos ancestrais, os gauleses," ora não
eram "os nossos" ancestrais, e não eram
Gauleses!

Meus, nossos ancestrais falavam, ou gritavam,
ou cantavam em árabe, berbère,...
Qual importância, dado que não escreviam, ou
antes,
que não escreviam mais,
eles guerreavam (pelo menos, nas narrativas
de nossas avós!).

A minha avó, em árabe, contava às crianças
em redor dela, a guerra, os reféns, o incêndio
das oliveiras, na zaúia.

À l'école française l'institutrice- venue de France- racontait Charlemagne, et même Charles Martel à Poitiers...

En arabe, l'aieule continuait son histoire, toujours la nuit et sur la natte, près des bougies...

La voix de la maîtresse et celle de l'aieule de La nuit se sont entrelacées dans ma mémoire!

III

Dirais-je aujourd'hui que pour moi écrire- Écrire de la seule écriture qui me pousse, et m'habite, et me commande, écrire en français mais pour inscrire tout de même voix des aieules et vérités inversées, renversées dans leurs jeux d'ombre et de réalité, ce serait cela, écrire en francophonie.

Sur les marges.

A la frontière, au plus loin de soi même, de nous...

D'eux, là -bas, autrefois ennemis

L'écriture double

Les vérités doubles et se réfléchissant en contraires

Ecrire en francophonie

En francographie

En français encore vivant

En soubresauts entre la langue des origines déchirées, dépenaillées, lambeaux de mémoire

Et le français qui résiste, mon français qui malgré moi fait en moi le grand écart.

Pour réparer, bien sûr

Pour renaître, hier et demain,

Pour quelle vérité...

Janvier, 2006, Paris

Na escola francesa, a instrutora vinda da França- contava Charlemagne, e mesmo Charles Martel em Poitiers...

Em árabe, a avó continuava sua história, sempre à noite e sobre a esteira, perto das velas...

A voz da professora e a da avó À noite entrelaçaram-se na minha memória!

III

Eu diria hoje que para mim, escrever- Escrever da única escrita que me empurra, e me habita, e me comanda, escrever em francês mas para inscrever tudo com a mesma voz das avós e verdades invertidas, derramadas nos seus jogos de sombra e de realidade, seria isso, escrever em francofonia.

Sobre as margens.

Na fronteira, o mais distante de si mesmo, de nós...

Deles, acolá, anteriormente inimigos

A escrita dupla

As verdades duplas e se refletindo contrários

Escrever em francofonia

Em francografia

Em francês ainda vivo

Em sobressaltos entre a língua das origens rasgadas, maltrapilhas, restos de memória

E o francês que resiste, meu francês que apesar de mim, faz em mim o grande distanciamento.

Para reparar, certamente

Para renascer, ontem e amanhã,

Para qual verdade...

Nesse poema, o eu-lírico descreve a angústia de escrever em uma outra língua, sobretudo quando é a língua do colonizador, ressaltando o duplo pertencimento e, ao mesmo tempo, uma luta entre si e o seu outro. Assim, Assia Djebar trata em seu poema da divisão existente entre duas nações e duas histórias, fazendo-nos ver a língua francesa como a língua do opressor e também como uma forma de libertação das ideias, apesar de existir um certo distanciamento cultural.

Voltemos nosso olhar para a segunda parte do poema de Assia Djebar:

Dirais-je aujourd'hui que pour moi écrire-
Écrire de la seule écriture qui me pousse, et
m'habite, et me commande, écrire en français
mais pour inscrire tout de même voix
des aïeules et vérités inversées, renversées
dans leurs jeux d'ombre et de réalité,
ce serait cela, écrire en francophonie.

(DJEBAR, *Janvier*, 2006, Paris)

Nesse excerto, entende-se a escrita hoje, em língua francesa, como o que a move e a faz ser ouvida. O que nos faz ver que as mulheres, agora, podem ter sua voz ouvida, sendo fruto de cargas de leitura e conhecimentos não só baseadas em suas vivências mas, em um olhar sob outras realidades, e particularidades de países vizinhos. O poema tem como tema eixo, a importância de escrever, deixando-se os registros.

Ressalte-se que o poema é recente (2006), o que aponta para, pelo menos, dois elementos: primeiramente, infere-se que se trata de uma situação que ainda ocorre, em grande parte dos países em todo o mundo, diante dos limites ideológicos impostos pela sociedade, preenchida pelas atribuições inerentes à sua função, que envolve, dentre outras demandas, a cultura e a posição de unicamente “rainhas do lar”. Outro elemento que pode ser ressaltado com esse poema é dada a sua atualidade, pode-se compreender que é, de fato, recente, essa luta feminista de ter seu reconhecimento.

CAPITULO 3:

**VISLUMBRES DA POETISA AFRICANA
FRANCÓFONA**

A obra literária pode ser entendida também como uma referência utilizada pela sociedade, na partilha de desejos e inquietudes. Neste sentido, a escritora em diversos espaços, têm investido em fortalecer a discussão sobre o silenciamento vivenciado por elas. No que concerne às poetisas francófonas, foi necessário enfrentar inúmeros desafios até chegar à posição em que hoje se encontram, mesmo ainda distante do ideal, porém mais emancipadas e independentes. Com esse olhar, buscamos neste capítulo, focar a poética das poetisas francófonas a partir do olhar de uma poetisa francófona da África.

3.1 A poética francófona : um reflexo na voz de Marie-Léontine Tsibinda Bilombo

A partir do levantamento que expomos anteriormente sobre as escritoras francófonas da África, decidimos dar maior enfoque a esta que é uma das principais poetisas contemporâneas da África, em língua francesa, romancista, dramaturga e escritora congoleza, nascida em 1958.

O critério de escolha dessa escritora está centrado em, pelo menos, quatro razões. A primeira foi ter estabelecido contato com ela, o que ajudou no saneamento de inquietações que surgiam ao longo da leitura os poemas ; a segunda, diz respeito à leitura dos poemas, levando-se em consideração as suas temáticas, que nos permitiram certa afinidade, o que nos instigou a estreitar as relações entre África e Brasil. A terceira razão tem sua justificativa no fato de a poetisa disponibilizar suas antologias péticas, contribuindo de modo definitivo para o acesso ao objeto de estudo, uma vez que há escassez de material publicado em língua portuguesa e que, em língua francesa, as obras que se constituem em fonte para esta pesquisa também não são abundantes. Dessa forma, a poetisa Marie-Léontine, portanto, contribuiu de duas maneiras para a realização desta pesquisa : ofertando a sua poética para ser nosso objeto de estudo e também como uma das poetisas que compõem o nosso acervo de estudo da poética francófona africana, escrita por mulheres

Marie-Léontine tem um lugar de destaque no universo das Letras congolezas, é considerada a primeira escritora-poetisa do Congo - Brazzaville. Além de poemas, Marie-Leontine escreve peças de teatro e novelas. Pioneira na poética congoleza, em 1981, ela foi a primeira mulher a receber o Prêmio Nacional de Poesia e o Prêmio Unesco-Aschberg pela novela *Les pagnes mouillés*⁵⁴, em 1996.

⁵⁴ Os panos molhados

Marie-Léontine Tsibinda Bilombo, em entrevista, conta que sua primeira escola foi a tradição oral, pois as histórias ouvidas, quando criança, através de seus avós e pais, foram determinantes para a sua formação literária (MONGO-MBOUSSA, 1980). Atualmente, ela tem formação em Línguas e Cultura americana e possui diversos trabalhos de uma lírica bastante expressiva, sendo autora de cinco antologias poéticas:

- *Poèmes de la terre*⁵⁵. Brazzaville: Éditions littéraires congolaises, 1980.
- *Mayombé*⁵⁶. Paris: Saint-Germain-des-Prés, 1980.
- *Une Lèvre naissant d'une autre*⁵⁷. Heidelberg: Éditions Bantoues, 1984.
- *Demain, un autre jour*⁵⁸. Paris, Silex, 1987.
- *L'Oiseau sans défense*⁵⁹. (Illustré par Michel Hengo). Jouy-Le-Moutier (France), Bajag-Meri, 1999.
- *L'Oiseau sans arme*⁶⁰. (Illustré par Michel Hengo). Jouy-Le-Moutier (France), Bajag-Meri, 1999. [Poésie] e
- *Moi, Congo ou les rêveurs de la souveraineté*⁶¹. Jouy-Le-Moutier (France), Bajag-Meri, 2000. (204p.) [Anthologie].

Embora tenha tido uma formação na oralidade, como quase todo africano, Marie-Léontine buscou formação acadêmica e tornou-se bibliotecária da *American Cultural Center*. Em 1999, a guerra civil no Congo a forçou a tomar o caminho do exílio. Diante disso, a poetisa refugiou-se pela primeira vez em Niamey e Cotonou e, finalmente, no Canadá, onde reside até o presente momento.

Dentre os poemas visitados para o nosso estudo, selecionamos dois que, sob a nossa ótica, refletem o significativo espaço da poética francófona feminina, são eles: « *Que faire*⁶²? » e « *Rire* » presentes na obra « *Mayombé* » escrita em 1980.

Observemos o primeiro poema da poetisa Marie-Leontine :

⁵⁵ Poemas da terra

⁵⁶ Região geográfica da África ocidental ocupada por montanhas que se estendem desde o Rio Congo ao sul até o rio Kouilou-Niari pelo norte

⁵⁷ Um lábio que nasce de outro

⁵⁸ Amanhã, um outro dia

⁵⁹ O Pássaro sem defesa

⁶⁰ O Pássaro sem arma

⁶¹ Eu, o Congo ou os sonhadores da soberania

⁶² O que fazer

POEMA

Que faire?

Que faire pour pleurer mon malheur
et dépecer ce terrible secret qui musèle le cœur?

Que faire pour danser la ronde éperdue des
papillons au vol
qui plongent à la renverse vers le sol enfer?

Que faire?
Que faire pour qu'ils fassent signe à mon silence
sans me prendre en pitié?

Que faire?
Je n'appelle point leur pitié
unique chrysalide d'un vieux cocon
j'ai voltigé solitaire
et je n'ai que mon propre cœur
pour déguster mon malheur.

Marie-Léontine Tsibinda Bilombo; Mayombé, 1980

VERSÃO

O que fazer?

O que fazer para chorar a minha desgraça
e decepar este terrível segredo que amordaça o
coração?

O que fazer para dançar a ronda frenética de
borboletas em vôo
que mergulham de volta para o chão do inferno?

O que fazer?
Que fazer de modo que façam sinal ao meu
silêncio
Sem piedade de mim?

O que fazer?
Eu não chamo pela misericórdia deles
única crisálida de um velho casulo
voei solitário
Eu só tenho o meu próprio coração.
para desfrutar a minha infelicidade.

Partindo do título da antologia na qual o poema está inserido, faz-se necessário situar *Mayombé*. Além de ser o título de um dos mais conhecidos romances do escritor angolano, Pepetela, é uma região geográfica da África ocidental ocupada por montanhas que se estendem desde o Rio Congo ao sul até o rio Kouilou-Niari pelo norte, próximas à Angola.

Nesse sentido, o poema *Que faire?* é tão somente um dos exemplos que encontramos para apresentar as temáticas com maior recorrência nos poemas de poetisas francófonas do continente africano. Observa-se que há uma constante sensação de não saber o que fazer diante da infelicidade, do sofrimento e da efemeridade das coisas. A lírica de Marie-Léontine transmite sempre certo misto de ternura e tristeza, conduzindo o leitor à beleza poética, resultada de uma celebração do tempo, da paisagem e, muito especialmente, ao lugar de memória. A partir da indagação “*Que faire?* [*O que fazer?*]”, esta congoleza aponta para casos que buscam fazer ouvir, questionamentos e vivências que marcam a história de seu próprio país.

Observemos a seguir o segundo poema desta poetisa:

POEMA**VERSÃO****RIRE**

J'ai ri
je n'ai pas reconnu mon rire
l'écho résonne dans le silence de la nuit
affreux et solitaire!

RIR

Eu ri
Eu não reconheci meu riso
o eco ressoa no silêncio da noite
terrível e solitário!

O segundo poema, *Rire*, nos faz refletir acerca do sorriso, como no sorriso das mulheres escritoras que buscam manifestar seus desejos e que são submetidas a momentos de solidão e tristeza; assim, quando deparam-se com a oportunidade de sorrir, parecem não se reconhecer.

Neste poema, podemos identificar que o eu-lírico sorri sem vontade, o seu riso não é sincero pois, na verdade ele está em uma profunda tristeza. Desse modo, as poetisas se retraem, não transparecem normalmente aspectos de felicidade, seus semblantes são de súplica por viverem duramente diante de momentos de desvalorização em uma sociedade que as inferiorizam pelo fato de serem mulheres.

A esta altura, seria interessante evocar resultados encontrados por Pinheiro-Mariz e Blondeau (2012, p.146), condizentes às temáticas mais recorrentes na lírica feminina francófona africana, nos quais ressaltam que, “entre os preferidos, encontra-se a questão da infância, da língua/cultura dupla, da poligamia, da pobreza, do controle social; assim como o tema do feminismo, bem como uma poesia realista”. Pode-se, então, dizer que a nossa pesquisa ratifica esse dado; e, com esse olhar, seguimos o nosso estudo

3.2 Traços de dor, submissão e desigualdade

A África é historicamente representada na história e na literatura com diversos estereótipos. Neste sentido, o ser africano ainda é apresentado como selvagem, primitivo, faminto e que possui graves doenças. Diante disso, as mulheres da poética francófona africana buscam romper com essa visão e se apoderam de seu lugar na literatura.

E ao tomarem posse da palavra, lançaram-se a contar outra versão de sua história, criando um novo enredo, em que aparecessem como protagonistas, e não mais como meros objetos de cena, contestando assim as verdades disseminadas, até então, pelos ocidentais. (SILVA, 2016, p.9)

Buscando apresentar outra visão para o reconhecimento de uma arte que já tem em si o valor de ser produzida contracorrente, encontramos nos poemas da poetisa Marie-Leontine, questões relacionadas à exaltação à natureza, à sua terra natal, Brazzaville.

A escritora faz voejarem, em seus poemas, diversos pássaros, como rolas e pombas, levando-nos a imaginar voos que cantam a liberdade. Esta poetisa busca mostrar a paz presente neste ambiente e sua beleza esplêndida que lhe era ofertada como presente. Para Marie Leontine, a Bíblia é um dos livros que mais a inspira. Desde a sua infância, juntamente com sua mãe, foi criada e viveu na presença de Deus e hoje, segundo ela mesma, compreendeu melhor que para se construir uma relação com Deus é primordial ter fé.

A poetisa ainda aborda em seus poemas temas voltados para a fraternidade, a infância, a maternidade e a amizade. A temática da solidariedade também se faz presente nos seus poemas. Com destaque neles, a poetisa demonstra ter o apoio dos amigos que a acompanharam ao longo de toda a estrada, nos bons e nos momentos difíceis.

No que se refere à cultura africana, a maternidade é muito importante, é considerada a mais alta expressão da condição feminina.

Para Ruiz (2010):

As mães africanas foram sempre um modelo de coragem, inteligência, resistência e responsabilidade, dedicadas a assegurar a sobrevivência dos seus, inclusive em circunstâncias extremas e, simultaneamente, desempenharam um papel essencial na importante tarefa de tentar humanizar tanto os seus descendentes directos como o mundo que as rodeia. (RUIZ, 2010, p.2)

Ainda, para Ruiz (2011):

O tema da maternidade é vital tanto na cultura como na literatura africanas. Por isso, quando as mulheres começam a escrever, tratam desta questão reiteradamente, ainda que de ângulos muito diversos: como algo belo que cria cumplicidade materno-filial ou então como uma carga dura, um espaço de desencontro ou uma experiência decepcionante. (RUIZ, 2011, p.6)

Dessa forma, no poema *Pleure femme*, pudemos observar que esta temática está presente. Segundo a própria escritora, ela cresceu em Brazzaville e vivia em uma rua movimentada que dava acesso ao hospital da cidade, o que para ela, ainda pequena, representava um constante e iminente anúncio de morte, sempre que ouvia grandes gritos de dor e de lágrimas que ecoavam pela rua.

Nesse mesmo poema, a mulher que chora era totalmente desconhecida pela poetisa, o que não a impediu de ser tocada por aquela dor tocada. Parece-nos que o eu-lírico foi compadecido pela da perda de um filho.

POEMA	VERSÃO
<i>Pleure o femme</i>	<i>Chora, ô mulher</i>
Seule dans ma chambre baignée de soleil j'écoute chanter les oiseaux	Sozinha no meu quarto banhado de sol eu ouço o cantar dos pássaros
Les examens approchent, je ne sais que dire, que faire.	As provas se aproximam, eu não sei o que dizer, o que fazer.
Pourtant je sais bien qu'il me faut travailler Hélas, le vent de l'effort ne souffle guère en moi!	Entretanto, eu sei bem que eu preciso trabalhar Lamentavelmente, o vento do esforço não sopra em mim!
Il y a de la joie, il y a de la tristesse elles sont si serrées en moi que je ne saurais les séparer	Há beleza, há da tristeza elas estão tão apertadas em mim que eu não saberia separá-las
Par les barreaux de la fenêtre, j'aperçois la rue Ses hommes, ses enfants, ses vélos Passent, courent, ronflent.	Pelas barras da janela, eu observo a rua Seus homens, suas crianças, suas bicicletas Passam, correm, roncam.
Les examens approchent, je ne sais que dire, que faire.	As provas se aproximam, eu não sei o que dizer, o que fazer.
Les vertes feuilles d'un avocatier brillent sous le soleil de mai. Soudain un cri déchire l'air, une femme passe. Les cheveux, les seins, les bras de la femme implorant le vent Deux hommes gris l'encadrent, muets.	As folhas verdes de um abacateiro brilham sob o sol de maio. De repente um grito rasga o ar, uma mulher passa. Os Cabelos, os seios, os braços da mulher imploram o vento Dois homens grisalhos a enquadram, mudos.
Elle pleure: <i>'bandeko, bebe a boyi n'gai o Natikalin'gai moko o o, nasala nini oo?'</i> *	Ela chora: <i>'bandeko, bebe a boyi n'gai o Natikalin'gai moko o o, nasala nini oo?'</i> *
Sa voix s'éteint dans le lointain Le soleil de mai est une douche froide. Aïe! une écharde dans mon cœur! mon âme s'allie à cette inconnue qui passe.	Sua voz se apaga ao longe O sol de maio é uma ducha fria. Ai! Uma lasca no meu coração! Minha alma se aliada a esta desconhecida que passa.
La tristesse a triomphé de la joie.	A tristeza triunfou sobre a alegria.
Les examens approchent, je ne sais que dire, que faire. Pleure ô femme.	As provas se aproximam, eu não sei o que dizer, o que fazer. Chora, ô mulher

.....

**bandeko, bebe a boyi n'gai o
Natikalin'gai moko o o, nasala nini oo:
frères, mon enfant s'en est allé, :
Me voici solitaire, que ferai-je?*

*irmãos, meu filho se foi
Eis-me aqui solitária, o que farei?*

Observamos no poema o desespero e a dor inconsolável da mãe pela perda da criança. Neste sentido, voltamos à afirmação de Ruiz (2010), ao dizer que: “não obstante, a narrativa feminina africana, com histórias que abordam esta questão inscritas no contexto de um mundo em mudança, pretende realçar tanto o potencial construtivo como o destrutivo que o vínculo materno-filial tem para mães e filhas” (RUIZ, 2010, p.4).

Apartir da leitura deste poema, observamos que a maternidade refletida nos poemas de Marie Leontine, possui uma fascinante completude de subtemas, seja a mulher exercendo seu papel de força e coragem ou medo e dor, porém sempre encantadora e, por isso, nos leva a refletir sobre as nossas próprias vidas que não nos tornam, de todo, indiferentes.

No poema *Le savent-ils*, a poetisa mostra o papel conservador dos pais.

POEMA

VERSÃO

Le savent-ils?

Eles o sabem ?

Ils n'ont pas vu que je devenais femme
Avec les espoirs et les désirs d'une femme

Eles não viram que eu me tornava mulher
Com as esperanças e os desejo de uma mulher

parce qu'ils ont dépensé de l'argent pour moi
parce qu'ils ont préparé mon avenir
en m'envoyant à l'école
ils n'ont vu en moi que l'écolière que j'étais

porque gastaram dinheiro por mim
porque prepararam o meu futuro
enviando-me à escola
eles viram em mim apenas a colegial que eu era

ils n'ont pas voulu savoir pourquoi j'étais si
seule, si renfermée, si silencieuse

eles não quiseram saber porque eu estava tão
só, tão trancadaem mim, silenciosa

que dire des succès scolaires si
dans le cœur sonne le glas de la joie qui se
fane dans
le corps sans chaleur, sans amour, sans vie?

que dizer sucessos escolares se
no coração toca o dobre da alegria que se
desvanece
no corpo sem calor, sem amor, sem vida?

A leitura deste poema nos remete a nós mesmas, como mulheres/adolescentes, considerando que, geralmente os pais são mais conservadores com as suas filhas, as protegendo excessivamente, por vezes, a fim de evitar que vivenciem desventuras que

podem vir a impedir a fluidez da sua jovem vida. Por certo, supervisionam os lugares e as pessoas com quem frequentam e saem. Neste poema, a jovem/adolescente, em fase escolar, é vista como uma pessoa solitária e talvez infeliz, ela se retrai e demonstra uma grande melancolia.

No poema seguinte, *Vie et Paroles*, observa-se que as mulheres do Congo sempre foram mulheres ativas, mesmo não tendo a oportunidade de irem a escola, procuram ter um pequeno comércio, um atelier de costura por exemplo, trabalhos que a fizessem ser livres financeiramente.

POEMA

Vie et paroles

La vie est paroles, soleil, paroles
la mort est silence, solitude, silence

«Regarde et meurs sans parler»

je ne peux pas regarder
je ne peux que parler
je voudrais être l'eau
 Insaisissable!
je voudrais être chantée
 U Tam'si!
je ne suis ni
U Tam'si
ni
Moïse
ni
Ophélie!

La vie est paroles, soleil, paroles
la mort est silence, solitude, silence!

VERSÃO

Vida e palavras

A vida é palavras, sol, palavras
a morte é silêncio, solidão, silêncio

“Olha e morre sem falar”

eu não posso olhar
eu posso apenas falar
eu gostaria de ser a água
 Ilusório!
Gostaria de ser cantada
U Tam' se!
não sou nem
U Tam' se
nem
Moisés
nem
Ofélia!

A vida é palavras, sol, palavras
a morte é silêncio, solidão, silêncio!

Ainda nos nossos dias, as mulheres africanas enfrentam a exclusão econômica, uma vez que os seus trabalhos são mal pagos e subvalorizados, além de estarem concentradas majoritariamente no setor informal. De acordo com a agência da ONU (2016), na África Subsaariana, estima-se que 9,5 milhões de meninas jamais porão os pés em uma sala de aula.

É necessário ressaltar que também entendemos a vida como a potisa, que a vê como um movimento, por isso, podemos cantá-la, enquanto a morte é o silêncio; uma

morte não pode fazer nada, pois os vivos são estas pessoas que lutam, que se batem para ficar de pé e fazer face aos desafios da vida.

No poema *Je suis l'Afrique et je suis Rebelle*, a poetisa demonstra a intenção de mostrar como é a África e de tentar quebrar os estereótipos existentes.

POEMA

Je suis l'Afrique et je suis rebelle

1
 Je suis l'Afrique et je suis rebelle
 Reine-à-fric reine Afrique
 Nuit noire nuit profonde
 Afrique aux mille soleils
 Brûle brûle encore
 Au seuil de mon cœur
 Afrique feu d'urgence
 Afrique du printemps de jasmins
 Feu de colères feu de déchirures
 S'invente l'espérance
 D'une nouvelle existence
 Le sang des peuples du refus
 Veille et dit son projet d'insurrection
 Dans le cyclone de la vie
 Brûle brûle toujours
 Rafales dansantes des flammes
 Écorchent au cœur du printemps les infamies
 Écorchent à vif la nuit
 Pour que renaisse le soleil d'enfance

VERSÃO

Eu sou a África e eu sou rebelde

1
 Eu sou a África e eu sou rebelde
 Rainha de dinheiro rainha África
 Noite escura noite profunda
 África dos mil sóis
 Queima, queima ainda
 No limiar do meu coração
 África fogo de emergência
 África da primavera de jasmins
 Fogo de cóleras fogo de rupturas
 Inventa-se a esperança
 De uma nova existência
 O sangue dos povos da recusa
 Vela e diz o seu projeto de revolta
 No ciclone da vida
 Queima, queima sempre
 Rajadas dançantes das chamas
 Esfolam no coração da primavera as infâmias
 Esfolam com vigor a noite
 De modo que renasça o sol de infância

Neste poema, observa-se uma poética de esperança por uma África em emergência, em uma profunda noite escura; o que nos levaria a compreender a situação pela qual passa o continente e as constantes lutas de seus povos. Observa-se também a uma poética de pertencimento a esse lugar de “mil sóis”, de “primavera de jasmins”.

A familização da África como “rebelde” denota uma clara intenção de não se deixar subjugar apesar dos outros. Entende-se ainda que o eu-lírico parece denunciar certo conflito causado pelo colonizador, que ao longo de sua permanência no continente contrapôs-se às tradições do continente africano, impondo os seus próprios valores aos povos dali.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou refletir sobre a poética de escritoras francófonas situando-as em um contexto global, pois em cada continente, as vozes femininas com suas especificidades, têm procurado, ao longo de muitos anos, conquistar seu espaço. Após algumas ponderações acerca da poética de mulheres no âmbito da francofonia, demos início às reflexões propostas nessa pesquisa. Assim, expomos algumas dessas vozes nos mares e nos continentes de língua francesa; e, dessa forma, acreditamos estar contribuindo com pesquisas semelhantes, além de proporcionar o conhecimento de poetisas representativas na história da literatura de língua francesa no mundo e, de modo particular, no continente africano.

Diante das ponderações sobre a produção das poetisas, respondendo ao nosso primeiro objetivo específico, ressaltamos que existe, de fato, uma produção de mulheres “da francofonia” que põe em destaque a importância dessa produção não, unicamente, como uma luta feminista, mas, sobretudo, pela força lírica dessas escritoras.

Observamos no primeiro momento, a existência de poetisas francófonas nos séculos: XIX, XX e XXI, laureadas por sua escrita; e, em seguida, as poetisas que até o momento não receberam premiações. Em um segundo momento, destacamos as temáticas mais apreciadas por essas mulheres e os lugares mais recorrentes de suas publicações. Cabe ainda lembrar que embora pareça um recorte muito extenso, -esse período de três séculos-, lembramos que toda a história progressiva da poética feminina em francês só ressalta o quanto esse lugar deixou de ser ocupado por elas.

No que concerne ao segundo objetivo específico, norteador dessa pesquisa, isto é, a divulgação da poética delas, notamos que há uma escassez de material publicado em língua portuguesa; desse modo, encontramos alguns poemas publicados em antologias de Língua Francesa e nos sites de algumas poetisas contemporâneas. Entretanto, apesar da existência desse material, ainda é muito precária a quantidade de espaços de divulgação e de publicações desses poemas. Encontramos uma expressiva produção no Senegal com a poetisa Nafissatou Dia Diouf, no Congo com a poetisa Marie Leontine Tsibinda e na Argélia com Assia Djebar.

É importante dizer que em algumas regiões do mundo francófono, a produção é mais divulgada, como no Canadá, por exemplo, o que pode ser resultado de um antigo engajamento feminista, social e que, talvez, reflita a situação sócio-econômica do país. Todavia, voltamos o nosso olhar para o continente africano que, por sua extensão, é outro espaço de significativa produção literária da poética feminina, respondendo assim o terceiro objetivo específico dessa pesquisa. No entanto, identificamos certa dificuldade

em ter acesso a estes materiais, pois há ainda uma inacessibilidade no que concerne às literaturas francófonas de alguns países.

Respondendo ao nosso último objetivo específico, podemos dizer o lugar da mulher-poetisa nas produções de Marie Leontine Tsibinda parte de um olhar minoritário, voltado para as experiências diárias, angústias e temas sociais vivenciados pelas mulheres africanas.

Identificamos o desejo que as mulheres têm de serem reconhecidas na sociedade, criticando muitas vezes os papéis a elas impostos, sem espaço para apresentarem suas opiniões e seus direitos. Nesse sentido, podemos notar que as temáticas presentes nas produções femininas são conseqüentemente originárias de suas experiências cotidianas, seus sofrimentos e suas experiências vividas no ambiente familiar, muito embora, as mulheres possuam um olhar particularizado, minoritário, voltado ainda, diversas vezes, para temas de grande importância social como a questão da infância, da cultura e da pobreza, só para citar alguns.

Por essa ótica, fazer reconhecer essa produção literária da poética feminina é um passo indispensável para se abrir um espaço que é tão importante para se dar voz, fazendo-nos ver que ainda existe um longo caminho a ser percorrido, muito particularmente, quando se leva em consideração o fato de que a poesia é vista como a literatura na sua mais alta expressão. Então, identificar e reconhecer que há diversas escritoras produzindo poemas de qualidade estética ímpar, é reconhecer também a importância da poetisa no mundo da história e da crítica literária.

Creemos, portanto, na urgência de uma (re)leitura do papel da mulher na literatura francófona do continente africano, que nos faça abandonar e não persistir com estereótipos e visões preconceituosas apregoadas ao longo do tempo.

APÊNDICE

A poesia francófona feminina africana na aula de Francês como Língua Estrangeira

Não faz muito tempo que as mulheres deixaram de ser somente do lar, passando a conquistar outros espaços, um deles é o ingresso na literatura, onde fizeram e fazem um trabalho que merece o nosso reconhecimento.

Assim, a Literatura é um espaço onde podemos encontrar um reflexo do contexto histórico e social em que são criadas as obras, sendo um meio de instrução, educação e fonte de inspiração.

Nesta fase de nossas reflexões, temos o intuito de dedicar este espaço para divulgar o trabalho das nossas poetisas através de uma antologia de poemas que não são facilmente acessíveis. Esse é, portanto, o átimo do prazer; de ler pelo deleite de conhecer novas palavras, novos poemas, novas poetisas africanas:

ANTOLOGIA – POÉTICA FEMININA FRANCÓFONA AFRICANA

ASSIA DJEBBAR (1936-2015)

1. POEME POUR L'ALGERIE HEUREUSE

Neiges dans le Djurdjura
Pièges d'alouette à Tikjda
Des olivettes aux Ouadhias

On me fouette à Azazga
Un chevreau court sur la Hodna
Des chevaux fuient de Mechria
Un chameau rêve à Ghardaia

Et mes sanglots à Djémila
Le grillon chante à Mansourah
Un faucon vole sur Mascara
Tisons ardents à Bou-Hanifia

Pas de pardon aux Kelaa
Des sycomores à Tipaza
Une hyène sort à Mazouna
Le bourreau dort à Miliana

Bientôt ma mort à Zémoura
Une brebis à Nédroma
Et un ami tout près d'Oudja
Des cris de nuit à Maghnia

Mon agonie à Saida
La corde au cou à Frenda
Sur les genoux à Oued-Fodda
Dans les cailloux de Djelfa

La proie des loups à M'sila
 Beauté des jasmins à Koléa
 Roses de jardins de Blida
 Sur le chemin de Mouzaia

Je meurs de faim à Médea
 Un ruisseau sec à Chellala
 Sombre fléau à Medjana
 Une gorgée d'eau à Bou-Saada

Et mon tombeau au Sahara
 Puis c'est l'alarme à Tébessa
 Les yeux sans larmes à Mila
 Quel Vacarme à Ain-Sefra

On prend les armes à Guelma
 L'éclat du jour à Khenchla
 Un attentat à Biskra
 Des soldats aux Nementcha

Dernier combat à Batna
 Neiges dans le Djurdjura
 Piéges d'alouette à Tikjda
 Des olivettes aux Ouadhias

Un air de fête au coeur d'El Djazira

Assia Djebbar. Poème pour l'Algérie heureuse. S.N.E.D. Alger. 1969

2. SOUS LES CERISIERS

Un garde sous les cerisiers

Regarde
 Le soir qui descend dans la sombre vallée

Des faces derrière le fil barbelé
 S'effacent
 Dans le sable que chasse midi de juillet

Un sanglot entre deux barreaux d'acier
 Longe
 Le songe de nos longs jours d'été

Un cri dans les flammes de la forêt
 A lui
 Dans la nuit aux lueurs étoilées

Les douves dans les ruines d'un palais doré
 Recouvrent
 Le chant d'un homme écartelé

L'anémone et la fleur d'amandier
 Parent
 Le front d'un masque écartelé

Un garde décapité

Regarde
Le soir qui descend dans la sombre vallée

Assia Djebbar. Poème pour l'Algérie heureuse. S.N.E.D. Alger. 1969

3. POUR QUELLE VÉRITÉ

Écrire d'abord et quelle que soit la langue,
celle qu'on balbutie ou qu'on crie,
puis plus tard qu'on écrit- et ce n'est plus soudain la même!

Ecrire enfin, où malgré l'hiatus qui par la
suite va vous suivre, comme une ombre brisée, déformée...

Ecrire, cela aurait pu être en chinois, ou en
bengali, ou en anglais: ce fut en arabe (pour apprendre le Coran) et en français; à l'école.

Ecrire, ce fut d'abord la première;
l'obscur nécessité.

(Poème Inédit: In Le Magazine Littéraire, N.451, Mars, 2006)

ANDRÉE CHEDID (1920-2011)

1. L'AUTRE

"Je est un autre" Arthur R.

À force de m'écrire
Je me découvre un peu
Je recherche l'Autre

J'aperçois au loin
La femme que j'ai été
Je discerne ses gestes
Je glisse sur ses défauts
Je pénètre à l'intérieur
D'une conscience évanouie
J'explore son regard
Comme ses nuits

Je dépiste et dénude un ciel
Sans réponse et sans voix
Je parcours d'autres domaines
J'invente mon langage
Et m'évade en Poésie

Retombée sur ma Terre
J'y répète à voix basse
Inventions et souvenirs

À force de m'écrire
Je me découvre un peu
Et je retrouve l'Autre.

Andrée Chedid (Poème inédit pour Le Printemps des Poètes - Éloge de l'autre - 2007)

2. ARBRES

Je sais des arbres
Striés de leur corps à corps avec les vents
Et certains dont les têtes résonnent
Des contes de la brise

D'autres solitaires et debout
Défiant le sol renégat
Et d'autres qui se ressemblent
Autour d'une maison grise

Je sais des arbres
Qui s'humilient au pied des eaux
Pour l'amour de leur image
Et ceux qui secouent d'arrogantes chevelures
À la face du soleil

Je sais des arbres
Témoins de très anciennes naissances
Et qui redoublent de racines
J'en sais d'autres qui expirent
Pour un frôlement d'aile

Je sais des arbres vains et qui ne sont
Que feuilles
Tous ils ont trop vécu
Sur la terre des hommes.

Andrée Chedid ("Textes pour une figure, 1949" et "Textes pour un poème - 1949-1970 " - éditions Flammarion, 1987)

3. TROIS MOUETTES

Je te donne trois mouettes

La pulpe d'un fruit
Le goût des jardins sur les choses

La verte étoile d'un étang
Le rire bleu de la barque
La froide racine du roseau

Je te donne trois mouettes
La pulpe d'un fruit

De l'aube entre les doigts
De l'ombre entre les tempes

Je te donne trois mouettes
Et le goût de l'oubli.

Andrée Chedid ("*Textes pour un poème*", 1950 et "*Fêtes et lubies*" - éditions Flammarion, 1972 et 1996)

CLÉMENTINE NZUJI (1944)

1. EXTRAIT DE "KASALA ET AUTRES POÈMES"

"Je suis une fille à la peau noire fine et luisante
 Je suis une négresse au grand cœur
 Cœur d'eau fraîche, Cœur d'hirondelle en vol
 Cœur souffrant et pleurant, Cœur timide d'un oiselet malade.
 Je viens de ce pays étrange qu'on ne peut définir
 Ce pays étrange où l'homme est l'être suprême de l'univers sensible
 Ce pays où l'animé parle à l'inerte
 et l'esprit à l'ombre
 par le vent crépusculaire
 Je viens du pays noir et lumineux, pays du soleil et des eaux.
 Chez moi, les arbres parlent aux poètes
 la brise aux amants
 et l'ondée aux aimées
 Chez moi, la harpe a existé
 avant que David fût
 Je suis du pays où les mains travaillent
 et le cœur parle
 Chez moi, les enfants ramassent du bois mort
 pour en faire des feux
 Je suis du pays où en haut soufflent les vents
 et en bas résonne l'harmonie
 Le pays où coule une eau toujours nouvelle
 depuis nos ancêtres
 et de générations en générations
 Chez moi, l'aquilon apporte des sons d'au-delà
 et les oiseaux des messages
 Je viens du pays à quoi rien ne ressemble
 le pays où l'ami se fait frère
 et l'amie sœur
 ... Le pays où l'art est avant toute chose [...]

Kasala et autres poèmes, Kinshasa, Mandore, 1969.

**Poèmes de la même auteure

TANELLA BONI (1954)

1.

comme un oiseau bleu
 porteur de grains multicolores
 dans un jour qui se meurt
 je marche la parole haute
 dans une forêt de lianes
 sur une toile d'araignée
 poème est mon nom d'initiation
 espoir mon code passeur d'étoiles

(Tanella Boni, extrait de "Jusqu'au souvenir de ton visage", Alfabarre / 2011)

2. CETTE PAROLE DITE

cette parole dite
est une eau de source parfumée
eau-gingembre eau-ananas eau-citron
parole d'un beau roman
qui jamais ne s'écrira
à quatre mains
à deux voix
à deux souffles liés en gerbes
arc-en-ciel
les deux souffles sont des îles
voisines dans l'océan
de la vie
les deux souffles s'oublient
se désirent
au même endroit
séparément

3. [PAROLE ET SOUFFRANCE MUETTES]

parole et souffrance muettes
dites en deux mots
en trois maux dites
et libérons les cœurs
libérez la souffrance
la patience de la peau
espace carcéral où agonise
l'émotion
à chaque soupir

mais l'émotion salue le grand air
à tout vent
depuis les sommets
jusqu'au royaume de l'herbe folle
l'émotion vogue par-dessus la mer
vagues et bateaux en poèmes
mots-consolation
sur une plage de sable
mots ingénus
et papillons éphémères
dans l'herbe verte et lumineuse
les mots abandonnent le cœur
à sa souffrance première
à sa patience de femme
immensément patiente

ELISABETH FRANÇOISE TOL'ANDE MWEYA (1947)

1. TU M'AS REGARDÉE

Tu m'as regardée
Et ton regard plein d'amour

A souri
 Dans le mien
 .
 Tu m'as tenu
 Ton bras
 Ton bras droit
 Comblé de promesses
 .
 Et ton regard s'est fondu
 Dans mon regard
 Et tes bras m'ont enveloppée
 D'un long pagne d'espoirs
 ...

2. LE PARDON

.
 J'ai regardé mon visage
 Dans le bleu aquarelle de tes yeux.
 Souvent, les soirs, j'ai lu
 Ma destinée entre les lignes de tes mains
 .
 Et puis un temps je suis partie
 Sans laisser de traces
 .
 Tu m'as cherchée
 Partout
 Sans me retrouver
 Puisque je me dérobaï à ton regard.
 .
 Pourtant ce soir je reviens
 Émue et saisie de crainte
 Parce que pendant longtemps
 Je fus absente dans tes yeux
 .
 Mon ami
 Présente-moi tes deux mains.
 Pose sur moi ton regard infini
 Livre-moi ton cœur
 .
 Que j'y lise l'immense pardon.
 ...

3. LA NUIT EST VENUE

.
 La nuit est venue,
 plus tôt que je ne l'attendais
 Ah! je savais qu'elle viendrait
 Et je t'attendais
 Avec son froid terrible
 Qui mord dans l'âme.
 .
 Mais trop vite elle est venue.
 Elle est venue exprès
 Pour que j'aie froid
 Dans mon corps et dans l'âme

.
 Pour que les gens chuchotent
 À mon passage,
 Des mots qui naissent
 Du grand messonge
 Qui dort en eux.

Poète, ton silence est crime: Panorama de la poésie congolaise de langue française (Congo-Kinshasa): Antoine Tshitungu Kongolo (L'Harmattan, 2002)

NDEYE COUMBA MBENGUE

1. DÉDIÉ À DABA:

Ma soeur si douce!
 Fleur à peine épanouie,
 Mais très tôt perdit la vie,
 Car voulant la donner
 A Ndiar, nymphe des clairs de lune,
 Et fille de Coumbam'lamb;
 A toutes les filles de Râ,
 Génitrices de chaleur.
 Ventre en gésine,
 Seins palpitants
 De naissantes vies.
 A l'Afrique-Coeur,
 Mon coeur,
 Et lumière du monde.

NAFISSATOU DIA DIOUF (1973)

1. PULPES

Sous la pulpe de tes phalanges satinées
 Dix coussinets d'amour
 Impriment sur ma peau
 Des sillons tourbillonnants
 En reptations félines
 Ta voix de voie lactée
 Tes consonnes constellées
 Ta tessiture nocturne
 Araseront les montagnes
 Assècheront les rivières
 Sous la pulpe de tes phalanges satinées
 Dix coussinets d'amour
 Impriment sur ma peau
 Des sillons tourbillonnants ...

Primeur, Poèmes de jeunesse. Dakar: Editions Le Nègre International [BP 22530, Dakar-Ponty, Sénégal], 2003.

SIHAM BENCHEKROUN

1. A TOI

en me donnant à toi
 je me rencontre enfin
 car il faut ton amour
 pour que je naisse au monde

j'ai besoin de tes bras
 pour apprendre à marcher
 besoin de t'écouter
 pour savoir m'entendre
 besoin de te parler
 pour me comprendre

tu es ce qui me manque
 pour être moi

A toi, poèmes (édition bilingue), Empreintes Edition 2000. Traduction en arabe: Ilayka, Salahedine El Ouadie.

FATOU NDIAYE SOW (1956 -2004)

1. CAMÉLÉON

Caméléon, prête-moi ta robe verte
 Pour cueillir l'herbe des prairies.
 Prête-moi ta robe grise
 Pour pêcher au fond de l'eau,
 Prête-moi ta robe bleue
 Pour prendre un pan du ciel.
 Prête-moi ta robe rouge
 Couleur de feu,
 Donne-moi ta robe jaune
 Couleur de moisson,
 C'est elle la plus jolie.

Fatou Ndiaye Sow ("Fleurs du Sahel" - éditions NEA, 1990)

2. FILLE DU DÉSERT

Écoutons le Xalam chanter Ely Banna
 Fille du pays des Torobé
 Chant diapré d'éclat de crépuscule
 Chant chaleur d'harmattan
 Berce les soupirs obsédant nos sortilèges
 Sur les rives sables de Guédé la majestueuse.

Fatou Ndiaye Sow ("Fleurs du Sahel" - Les Nouvelles Éditions Africaines du Sénégal, 1990)

ANNETTE MBAYE D'ERNEVILLE (1926)

1. KASSAK

À Ousmane, mon fils.
 Tu es homme, ce soir !
 Tu es un homme, mon fils !
 Par ta chair meurtrie

Par ton sang versé
 Par ton regard froid
 Par ta cuisse immobile.

Et ta mère se souvient
 De sa nuit d'amour
 De ses entrailles déchirées
 De ses gémissements silencieux
 De ses reins écartelés
 Des regards envieux de ses rivales mauvaises
 De la succion de ta bouche-fleur
 Du gris-gris miraculeux qui
 Avec l'aide d'Allah
 A guidé tes pas jusqu'à ce jour heureux.

Tu es homme, ce soir !
 Tu es un homme, mon fils !
 Par la lame tranchante
 Par ton sexe éprouvé
 Par ta peur refoulée
 Par la terre des Ancêtres.

Gawlo !... chante cet homme nouveau
 Jeunes filles aux seins debout
 Clamez son nom au vent.
 Selbé N'Diaye, fais danser ce petit homme.
 Tu es un homme, mon fils.
 Tu es un homme, ce soir.

Ils sont tous là:
 Ceux de ta lune première
 Ceux que tu nommes pères.
 Regarde, regarde-les bien:
 Eux seuls sont gardiens de la terre
 De la terre qui a bu ton sang.

Annette Mbaye D'Erneville, « Kassak », Dakar, Imprimerie A. Diop, 1963.

2. ENVOUTEMENT

A Paulette Folly, l'Antillaise

Danse, Nègresse marron !
 Le blanc applaudit
 Le blanc rit de bon cœur
 Danse, Nègresse marron
 Retrouve les pas de la danse du fouet !
 Tes reins souples tu les dois
 A ton aïeule guinéenne que tu ne connais pas

Le blanc rit à se tordre
 Et sa femme applaudit
 Danse, mauresque aux attaches fines,
 Offre ton ventre nu,

Aux mains avides et blanches
 Qui pour violer ta mère n'étaient pas aussi tendres.

Ballet, danse, rythme
 Saoulé par les rires
 A trempé son tam-tam
 Dans le sang blanc du Blanc qui rit.

Annette Mbaye d'Erneville dans Poètes d'Afrique et des Antilles, anthologie présenté par Hamidou Dia, Editions La Table Ronde, page 156

3. NOSTALGIE

Tu cultives ta haine
 Comme rose rare
 Et polis ta rancoeur
 Comme statue d'ivoire.

Les mots de feu sont déjà sur tes lèvres
 Que ses baisers ne rafraichissent plus.
 Qui encore te dira les paroles de miel doux?
 Qui, de tes nuits, chassera les frayeurs?
 Faut-il que ton front a jamais se ride?
 Plus ne verras
 Désormais, le monde par ses yeux.
 Le ad de ta vie est resté dans ses mains !...

Poèmes africains. Dakar: Centre national d'art français, 1965, 20p. Poésie

SAFIA KETOU (1944-1989)

1. A TOI

Mes larmes je te les offre
 Et je t'offre mon âme

Je t'offre mon système
 Métrique
 Et mes joies folles

Je t'offre mon enfance
 Au milieu d'un village

Je t'offre mon silence
 Orné de palmes d'or

Je t'offre mon dernier
 Poème
 Et ma tendresse...

MARIE-LEONTINE TSIBINDA BILOMBO (1958)

1. UN SOUVENIR DE DIMANCHE

Me voici réveillée.
 Le soleil plus matineux que moi
 brûle sur son trône mobile
 ses rayons passent par ma fenêtre mais n'embrasent rien encore

peu à peu la maisonnée se lève
 je pense à mon village
 je pense à mes dimanches de jeune villageoise.

Assise sur une natte
 parmi mes frères qui s'agitent
 je plante mon plantain cuit sous la cendre
 dans la forte senteur d'une tisane sauvage

et la voix de ma mère nous crie inquiète
 l'heure du culte quand retentit fébrile
 la cloche du temple.

Dans mes dimanches de ville
 mes souvenirs font mûrir un rayon
 sur le pupitre du pasteur à l'heure de l'Évangile.

Poèmes de la terre. Brazzaville: Éditions littéraires congolaises, 1980.

2. RETOUR A GIRARD

Aux enfants du Mayombe

J'ai retrouvé la gare, les rails, le marché.
 J'ai salué ma Loukoula aux eaux sombres
 J'ai salué ma Loukoula aux eaux vertes
 mon sillon de vie furieuse.

Maison qu'ombrage le safoutier sans âge
 cuisine qu'enfument les ans
 je vous dois mes pas d'enfance
 je vous dois mes pas de jeunesse.
 Des chrysalides en fleurs
 ont voltigé autour de moi
 Massouéma de ses ailes m'a effleurée «Titi»
 Garrick de ses antennes a capté mon sourire
 Iboumbi a gazouillé, gazouillé sans arrêt
 Makanga a trotté, trotté après un poussin
 débusqué les papillons, trébuché et ri
 du rire franc des âmes innocentes.

Les cailles doublent les coqs à l'aurore
 pour accueillir le matin.
 Un train lourd pénètre les montagnes
 fait frémir les songes des lianes vertes
 et des palétuviers assoupis.
 Il réveille les génies du Mayombe
 Et s'ouvre vers la grande saignée
 de la mer, vers l'infini.

Mayombé. Paris: Saint-Germain-des-Prés, 1980.

3. NE ME PARLEZ PLUS D'ELLE

Ne me parlez plus d'elle
le soleil n'a plus d'ailes
la vie de lumière

la vie enfer
enfer de vie
soleil sans aile
Sans elle enfer

le soir dans le froid
je réentends dans le noir
de ma mémoire infidèle
son rire grêle
versant son or cristal
à l'heure du crépuscule las
de mon corps sans rive
le bruit tumultueux de ses pas
dans le silence d'une nuit
où le sommeil me fuit

je tourne douloureusement
le livre
de nos lointains souvenirs
le paysage affolant
de cette absence que
jamais mon cœur n'accepte
danse sur les ailes de mon
désespoir

sur le chemin cahotant
de ma mémoire
résonne encore l'insaisissable écho
de son rire qui s'effrite
en rigoles de regrets sans baume
entre mes mains qui ne m'obéissent plus
son corps de liane
parfume mes sens
d'espoir au paradis
des âmes perdues
dites-lui
vous qui buvez à la source de sa voix
que ma vie n'est que crevasse
la mer rocher
la bise ouragan
je tremble et vacille
fragile comme une flamme
quand j'entends le vent
m'apporter son sourire

dites-lui

que mon cœur prisonnier
a oublié de vivre
et ne sait plus
si mourir est un mot
que l'on chante
le soir
dans le noir du crépuscule
d'une mémoire fêlée
par son absence.

Demain, un autre jour. Paris, Silex, 1987.

Esta antologia básica se sobressai pelo fato de trazer um número significativo de poetisas francófonas do continente africano ao longo de três séculos (XIX, XX e XXI). Com isso, tomamos como motivação reunir poetisas que permanecem fora do cânone. É importante frisar que a quantidade de poemas de cada escritora é muito expressiva, o que fez com que algumas poetisas ficassem de fora pela inacessibilidade de suas obras.

No que se refere à vivência poética em aulas de FLE, pode ser vista como uma ponte no processo do educando, que visa despertar além do crescimento intelectual, o conhecimento crítico e literário. Assim, através da leitura destes poemas, o leitor poderá ter acesso a novos conhecimentos, que o ajudarão a compreender mais sobre a história da literatura de vários países do continente africano, além de suas culturas e de seus costumes, por exemplo.

REFERÊNCIAS

BOILEAU-DESPREAUX, N. *A Arte Poética*. Col. Elos Perspectiva: São Paulo, 2012

- CAIXETA, J. E.; BARBATO, S. B. Identidade Feminina: *um conceito complexo*. *Cadernos de Psicologia e Educação - Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 28, n.14, 2004.
- COMBE, D. Comment peut-on être francophone? In _____ *Les littératures francophones – Questions débats, polémiques*. Paris, 2010 p.26-41
- DOUCEY, B. *Terre de femmes - 150 ans de poésie féminine en Haiti*. ed. Bruno Doucey, 2010.
- FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.
- HUANNOU, A. *Le roman fémini en Afrique de l'Ouest*. Les Editions du Flamboyant, 1999.
- OIF - Organização Internacional da Francofonia. *A língua francesa no mundo*. p. 6., Paris: Éditions Nathan, 2014. Disponível em: http://www.francophonie.org/IMG/pdf/oif_synthese_portugais_001-024.pdf. Acesso em: 15 de Junho de 2017.
- BILOMBO, M.L.T. *Poèmes de la terre*, Brazzaville, Éditions littéraires congolaises, 1980.
- _____. *Mayombe*, Paris, Saint-Germain-des-Prés, 1980.
- _____. *Une lèvre naissant d'une autre*, Heidelberg, Éditions Bantoues, 1984.
- _____. *Demain un autre jour*, Paris, Silex, 1987.
- MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. *Metodologia científica para o professor pesquisador – 2. ed.* – Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- NEVES, E.T.B; PINHEIRO-MARIZ, J. *Investigando a produção poética francófona de escritoras dos séculos XIX ao XXI: ser mulher e ser poeta!* Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica (CNPq/UFCG, 2015-2016). Campina Grande: UFCG, 2016.
- NEVES, E.T.B; PINHEIRO-MARIZ, J. *Estudos da poética feminina da África francófona*. Relatório parcial de pesquisa de Iniciação Científica (CNPq/UFCG, 2016-2017). Campina Grande: UFCG, 2017.

PINHEIRO-MARIZ, J.; BLONDEAU, N. *Há uma voz feminina nos mares e nos continentes de Língua Francesa?* In: Pontos de Interrogação n. 1. Revista do Programa de PósGraduação em Crítica Cultural. A produção de autoria feminina - Vol. 2, n. 1, jan./jun. 2012. Universidade do Estado da Bahia, Campus II — Alagoinhas, 2012.

RUIZ, B. P. *Maternidade na literatura africana: Mãe África*. Além-Mar: visão missionária. Revista Em foco, 2010. Disponível em: <<http://www.alem-mar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EkyZZpyuyAftFaWJeL>> Acesso em: 15 de agosto de 2017.

RUIZ, B. P. *Literatura africana no feminino: literatura da vida*. Revista Em foco, 2011. Disponível em: <<http://www.alem-mar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EFpZpApAAEGNSjOmgv>> Acesso em: 15 de agosto de 2017.

SILVA, F.C da. *Literaturas africanas: narrativas, identidades, diásporas*. Colatina/Chicago: Clock-Book, 2016.

SILVA, M. R. S. da. *L'amour, la fantasia, de Assia Djébar: A literatura em aula de FLE como lugar de resistência feminina*. 2017. 140 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

SILVEIRA, D. T.; CÓRVODA, F.P. *A pesquisa científica*. In.: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T (orgs). Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 31-42.

SOUZA, O. B.; ALVES, J. H. P. *Vozes femininas da poesia lírica na Paraíba*. Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica (CNPq/UFCG, 2012-2013). Campina Grande: UFCG, 2013.

TOURAINÉ, A. *O Mundo Das Mulheres*. São Paulo: Ed. Vozes, 2007.

ZOLIN, L.O. *Literatura de autoria feminina*. In_____ Teoria literária abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3.ed.rev.ampl. Maringá: Eduem, 2009, p. 327-336.

_____. *Crítica feminista*. In_____ Teoria literária abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3.ed.rev.ampl. Maringá: Eduem, 2009, p. 217-242.